

UNQUIET



ÍNDIA · PALAU · ILHAS FAROÉ · BOTSUANA

Na sua próxima viagem,
experimente os benefícios
de ter um banco completo
no Brasil e no mundo.



Baixe o app
e abra
sua conta

C6BANK



ECLIPSE CROSS MOTORSPORTS

CONQUISTE NOVOS
DESTINOS COM UM
4X4 TESTADO NO
NOSSO MELHOR
LABORATÓRIO:
O RALLY.



PAZ NO TRÂNSITO COMEÇA POR VOCÊ.



Tech & Soul

Para celebrar os 30 anos do Mitsubishi Motorsports, o maior rally de regularidade monomarca brasileiro, convidamos clientes para escolher itens e acessórios de uma série especial de apenas 100 unidades. Visite o nosso site ou a concessionária mais próxima para conhecer e viver novas aventuras.

4x4
É MITSUBISHI

MITSUBISHIMOTORS.COM.BR


**MITSUBISHI
MOTORS**

Sumário

016	360° – Lodges remotos, barcos sustentáveis e muito mais
034	48 Horas – Sabores, ritmo e cultura para se apaixonar por Sevilla
038	Sustentabilidade – A arte da transformação do Instituto Campana
040	Festivais – Tradição e folclore no bumba meu boi do Maranhão
044	Biblioteca – Uma breve lista de livros para pensar sobre a Amazônia
048	Check-in – Escolhas para as suas próximas viagens
050	Brasil – São Miguel do Gostoso, Galinhos e outras delícias da costa potiguar
062	Cultura – Transformação, aprendizado e resiliência numa imersão intensa pela Índia
076	Arte – O Parque Campana eterniza a obra genial dos irmãos artistas em Brotas
086	Esporte – Palau, o santuário sagrado dos mergulhadores
098	Bem-estar – A magia de encontrar a plenitude de corpo e mente em Paris
106	Proudly – Bangkok é capital do agito e da diversidade na Ásia
110	Ensaio – Força, dignidade e fé femininas pelas lentes de Kity Ramos
118	Gastronomia – China, Hong Kong e Taiwan: sabores de outro mundo
126	Aventura – A potência dos safáris em Botsuana, no Delta do Okavango
138	Entrevista – Matías de Cristóbal e o segredo do sucesso ecochic do Awasi
142	Aventura Extrema – Ilhas Faroé, a descoberta do arquipélago viking
152	Crônica – Tamara Klink conta - e ilustra - sua jornada solitária entre icebergs
154	Inspiradores – Jhon Muir e seu manifesto eterno pelo planeta

vivo

Ser líder é estar pronto para qualquer jogada

Com inovação e soluções que aceleram a transformação do seu negócio, a Vivo é a melhor parceira para digitalizar a sua empresa.



CONECTIVIDADE



SEGURANÇA



CLOUD



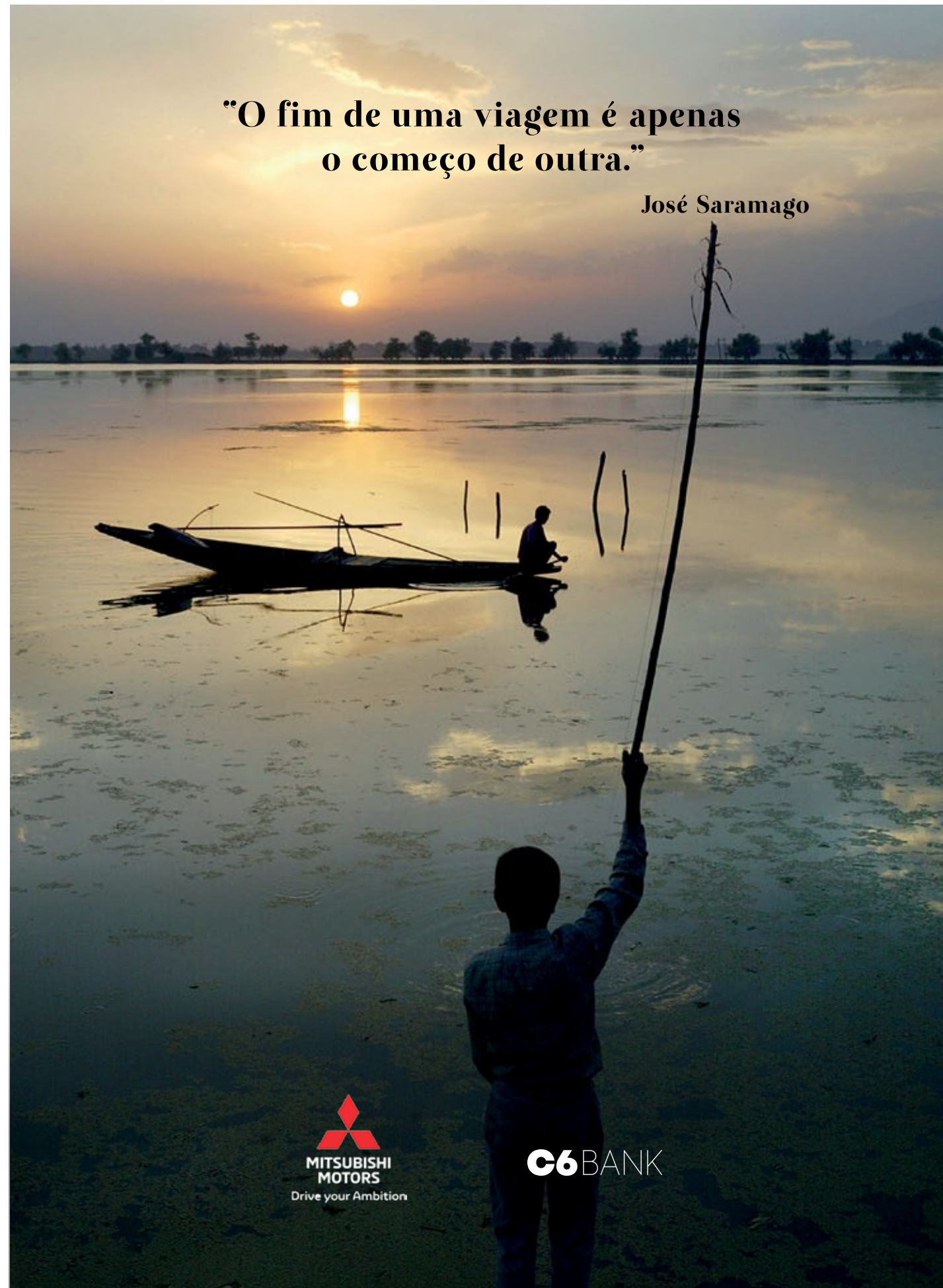
BIG DATA & IOT

 vivo.com.br/empresas

 Telefónica

“O fim de uma viagem é apenas o começo de outra.”

José Saramago



UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

Diretor Editorial

Fernando Paiva (in memoriam)

Diretor executivo

André Cheron

Diretora de conteúdo

Nathalia Hein

Consultor

Erik Sadao

Diretor Comercial

Ricardo Battistini

Diretor de Arte

Ken Tanaka

Editor de arte

Raphael Alves

Gerente de marketing e conteúdo digital

Luciana Lancellotti

Coordenadora digital

Patricia Poli

Produtora de conteúdo digital

Karina Perussi

Projeto gráfico

Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de contas e novos negócios

Fernanda Espindola, Gabriel Matvyenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número

Texto: Camila Frois, Carlos Marcondes, Carolina Sagesser Rodrigues, Corinna Sagesser, Daniel Nunes Gonçalves, Denise Gustavsen, Erik Sadao, Fabio Porchat, Francisco Bosco, Jeff Ares, Luciana Lancellotti, Nathalia Hein, Tamara Klink, Victor Collor e Walterson Sardenberg Sº

Fotos: Augusto Gomes, Bárbara Coletto, Carlos Marcondes, Getty Images, Istock Images, Jeff Ares, Kity Ramos, Ruy Barros, Tuca Reinés e Victor Collor

Ilustração: Antonio Tavares e Tamara Klink

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Getty Images

Custom Editora Ltda.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial



Porque “o tempo não para”, como dizia o saudoso Cazuza...

Quase quatro anos se passaram desde aquela noite, em dezembro de 2019, quando nasceu a ideia de criar uma revista que trouxesse experiências de viagens pelo mundo, sempre com o espírito UNQUIET. Ao longo desse tempo, as jornadas proporcionaram aprendizados, novas amizades e incontáveis momentos de emoção, permitindo-me reviver histórias milenares em destinos únicos e cativantes.

Nesta edição especial de aniversário, viajamos pela Índia, mergulhando em sua cultura mística e visitando impressionantes palácios e templos. Em Palau, na Micronésia, exploramos um dos santuários marinhos mais importantes do mundo, onde o turismo sustentável está em plena ação. Em Botsuana, a natureza, em estado bruto, nos envolveu em safáris inesquecíveis, nos quais testemunhamos a vida selvagem em sua forma mais pura, com leões, elefantes, leopardos e muito mais. A África sempre nos transforma.

Na Ásia, exploramos China, Hong Kong e Taiwan, onde saboreamos a gastronomia e visitamos templos e palácios históricos em meio a centros econômicos modernos. Nas Ilhas Faroé, no Atlântico Norte, fomos arrebatados pela grandiosidade das paisagens e pela cultura viking, ainda presente na vida local. Essa conexão entre o passado e uma natureza crua foi uma experiência inesquecível.

Com o nosso dia a dia tão agitado, viajamos a Paris para momentos de puro bem-estar, para nosso corpo e mente, em dois hotéis icônicos da Cidade Luz.

De volta ao Brasil, visitamos São Miguel do Gostoso, no Rio Grande do Norte, onde as praias e dunas nos permitiram momentos de paz e tranquilidade. No recém-inaugurado Parque Campana, em Brotas (SP), criado pelos meus queridos amigos Fernando e Humberto Campana, encontramos esculturas grandiosas, feitas de materiais reciclados. E, para completar nossas viagens, Francisco Bosco faz uma seleção de livros para nos acompanhar pelo mundo. Enquanto o ano chega ao fim, já penso nas minhas próximas aventuras, sempre no melhor estilo UNQUIET.

Que essas jornadas inspirem você a seguir em movimento!



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

Stay alive.
Be Unquiet

DICAS DIÁRIAS:

@revistaunquiet
/revistaunquiet

/revistaunquiet
revistaunquiet.com.br

C6 ContaGlobal

Câmbio 24h de dólar
e euro com menos tarifas



Baixe o app
e abra
sua conta

C6 BANK



Colaboradores



A jornalista **Denise Gustavsen** contabiliza mais de 20 anos dedicados às áreas de design, arquitetura e tendências, além de arte e moda. Ao longo da carreira, atuou como editora de revistas consagradas ao tema, venceu um Prêmio Esso com um projeto para o jornal *O Estado de S. Paulo* e atualmente é redatora-chefe da *Elle Decoration Brasil* e editora executiva do prêmio Elle Deco Brasil Design Awards, além de diretora criativa do Studio Reina. Nesta edição, ela assina a matéria de Arte.



Completamente adepta da filosofia da vida em movimento, **Carolina Sagesser Rodrigues** tem se apaixonado cada vez mais pelo mundo das letras, palavras e frases. Profissional de publicidade por quase uma década, ela assumiu recentemente sua vocação pela escrita. Nesta edição, traz a visão de uma profunda viagem cultural pelo Triângulo Dourado da Índia, além de assinar a curadoria e o texto do Guia de Parques Nacionais, que acompanha esta UNQUIET.



Jeff Ares é comunicador, consultor e agente social. Publicitário formado pela ESPM, é fundador do escritório Pedra, de comunicação, relações públicas, agenciamento artístico e responsabilidade socioambiental. Ele dirigiu o site, a marca e a revista *Vogue RG* por nove anos. É conselheiro da ONG Casa do Rio, na Amazônia, e curador do Prêmio Empreendedor Social da *Folha de S. Paulo*, para o qual também colabora. Na seção Aventura, ele narra a sua emoção diante da descoberta de Botsuana.



THIAGO TOSTES

Tamara Klink é navegadora solitária, escritora e palestrante. Aos 26 anos, ela cruzou o Atlântico duas vezes. É a mais jovem latino-americana, entre homens e mulheres, a cruzar o Atlântico em solitário e a primeira mulher latino-americana a navegar até o Círculo Polar Ártico solo. No último ano, passou oito meses isolada em um fiorde, com o barco preso no mar congelado da Groenlândia. É autora de quatro livros e palestra em três idiomas. Na Crônica, ela relata suas aventuras no mar.



Advogada por formação, **Kity Ramos** sempre esteve envolvida em projetos socioculturais. Por meio da fotografia, ela encontrou uma forma de unir suas duas paixões: viagens e cultura. Ao longo dos últimos cinco anos, viajou pelo mundo documentando populações tradicionais e registrando culturas que se transformam com o passar do tempo e modos de vida que podem desaparecer com o avanço tecnológico global. Seu intenso trabalho é objeto do Ensaio.



UANDERSON BRITTES

Francisco Bosco é ensaísta, doutor em teoria da literatura pela UFRJ e autor de *O Diálogo Possível: por uma Reconstrução do Debate Público Brasileiro* e *A Vítima Tem Sempre Razão? Lutas Identitárias e o Novo Espaço Público Brasileiro*, entre outros. Foi colunista da revista *Cult* e do jornal *O Globo*, dirigiu a rádio Batuta, do Instituto Moreira Salles, e foi presidente da Funarte. Atualmente ele apresenta o programa de TV *Papo de Segunda*. Nesta edição, faz uma contundente seleção de livros sobre a Amazônia para a nossa Biblioteca.



Arquiteto por formação, fotógrafo por vocação, **Tuca Reinés** é internacionalmente reconhecido pelas belas imagens de arquitetura e de interiores publicadas em revistas de renome, como *Casa Vogue*, *Interiors*, *Metropolitan Home*, *Architectural Digest*, *Vogue*, *Elle Decor*, *Wallpaper* e *Monocle*. Entre seus diversos trabalhos, destacam-se o recente livro sobre o *Copacabana Palace* e *Great Scapes Latin America*, pela editora Taschen. A convite da UNQUIET, ele registrou o novíssimo Parque Campana, cujas imagens você aprecia na matéria de Arte.



Fotógrafo, aventureiro e curioso contumaz, o alagoano **Victor Collor** é apaixonado pela arte de viajar e de se perder pelo mundo. Em suas incursões pelos mais variados destinos, coleciona histórias, que depois divide por meio de suas fotos e relatos. Victor é autor da série *Primeiros Brasileiros*, pela causa Kuikuro no Xingu. Nesta edição, são dele o texto e as imagens que ilustram a matéria sobre a costa semiárida do Brasil em São Miguel do Gostoso.



O LUGAR IDEAL

Há quase 300 anos Pirenópolis, em Goiás, já caía nas graças dos admiradores. Isso vem sendo renovado, século a século

POR WALTERSON SARDENBERG S^o

Pirenópolis tem só 25 mil moradores. Mas muitos predados para quem aprecia a natureza: montanhismo, trilhas, arborismo, *rafting*, boia-cross, caminhos *off-road* e, sobretudo, cachoeiras. Há mais de 100 delas, e algumas de acesso fácil.

Essa história começa em 1727, quando os bandeirantes toparam com ouro nessa região do Centro-Oeste – a 125 km de Goiânia e 182 de Brasília. Data da época parte do casario da cidade, tombada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1988. O esgotamento dos veios auríferos tornou aquela fase efêmera.

Já na segunda metade do século seguinte, o engenheiro belga Louis Cruls se viu incumbido por dom Pedro II de encontrar o lugar ideal para fincar a ca-

pital do país. Não vingou. De duradouro, sobrou o nome. Pirenópolis está incrustada na Serra dos Pirineus – semelhantes às montanhas que separam a Espanha da França. Daí o batismo.

A cidade só começou a atrair visitantes nos anos 1960, depois da inauguração de Brasília. A turma da contracultura acelerou o crescimento. Os esotéricos acreditavam que ali era mesmo o lugar ideal. Por isso o surgimento de comunidades místicas, como FraterUnidade e Fadalândia.

O turismo organizado só começou nos anos 1990, quando despontou a infraestrutura de pousadas e restaurantes acolhedores. Para garantir o fluxo de visitantes ao longo do ano, Pirenópolis, conhecida por Píri, tratou de bolar um robusto calendário de eventos, que vai das festas de Cavalhadas ao festival

Acima, em sentido horário, a cachoeira da Cascata Bonita, o Mitsubishi Eclipse Cross HPE-S S-AWC e vista aérea da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Na página ao lado, o nascer do sol nas montanhas da região

FOTOS: ISTOCK E DIVULGAÇÃO

de cervejas artesanais Piribier (que completará dez anos em 2025). Ou seja: em qualquer época, a Rua do Lazer, o epicentro dos agitos, está animada. Sobretudo de noite.

Durante o dia, contrate um guia credenciado para percorrer o Parque Estadual dos Pirineus, criado em 1987. A trilha, de 5 km e de nível médio, passa pelas cachoeiras do Garganta e do Coqueiro e leva ao Pico do Ventilador (1.150 m). Dali ela segue para o Pico dos Pirineus (1.385 m) e termina nos Pocinhos do Sonrisal – reconfortantes piscinas naturais. Para as crianças, prefira o Santuário de Vida Silvestre Vagafofo. Foi a primeira RPPN (Reserva Particular de Patrimônio Natural) de Goiás. São trilhas bem acessíveis, em meio ao cerrado.

Quem ama o ecoturismo pode se hospedar no Fazenda Hotel Tabapuã dos Pirineus. A imensa propriedade dispõe de *rafting*, passeios a cavalo, trilhas, rapel, tirolesa e caminhos para *off-road*, inclusive. Mas há mais conforto no Taman Baru. Você pode estranhar o fato de a arquitetura e decoração se basearem na Ilha de Bali, Indonésia. Seja como for, funciona. Os aposentos estão distribuídos em um bosque – e nos fundos do terreno encontra-se uma piscina natural.

Para provar a boa comida goiana, feita em fogão a lenha, vá ao Pillares, à beira de uma gostosa praia de rio. Tem trilhas e piscina. Já a Venda do Bento, instalada em uma antiga sede de fazenda, cultiva um cardápio mais eclético. Por exemplo: carne de sol na chapa com queijo coalho. Tem até redário, para um cochilo. As melhores sobremesas você encontra no Sorvetes Naturais. Basta escolher entre mais de 100 sabores, incluindo os de frutas locais.

Para quem sai de Brasília a bordo de um Mitsubishi 4x4, dá para seguir até Pirenópolis em estrada de terra, a partir de Brazlândia (DF). Melhor ir entre maio e setembro, período de menos chuvas. Você fará o trajeto em menos de quatro horas. Mais informações em MIT Drivelines. 📍

mitdrivelines.com.br

360°

Um lodge para ficar mais perto dos gorilas de Ruanda, um palácio intimista de alma feminina em Jaipur, Galápagos em uma expedição de conservação, o Pantanal de norte a sul a bordo de um cruzeiro e um hotel irreverente em Nova York

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360°

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



WILDERNESS BISATE RESERVE

Aprimorar o que já é perfeito é um dos notáveis feitos do recém-aberto Wilderness Bisate Reserve, que consegue elevar a experiência da rede ao ápice da excelência com uma proposta de hospedagem extraordinária em Ruanda, um dos lugares mais almejados para a observação de gorilas. Instalado no Parque Nacional dos Vulcões, o lodge oferece vistas dos seis vulcões inativos da reserva de Virunga e teve sua construção inspirada localmente, utilizando materiais como palha, madeira, rocha vulcânica talhada à mão, tijolos e cestaria, uma composição que dá o tom ao mesmo tempo elegante e original às quatro villas, que recebem até oito hóspedes (todas amplas, com decks privativos, lazeiras e banheiras de hidromassagem ao ar livre, entre outros itens de conforto em meio ao ambiente selvagem). Os dias de *trekking* para a observação de gorilas, trilhas cênicas e interação com as comunidades locais são arrematados por memoráveis experiências gastronômicas, regidas pelo *chef* executivo Angelus Karangwa, que promete combinar os sabores tradicionais da África Oriental com uma cozinha contemporânea sofisticada, utilizando ingredientes cultivados nas hortas do lodge ou por agricultores da região. O compromisso da Wilderness com a conservação se renova no Bisate Reserve, que já atingiu um ambicioso projeto de reflorestamento e preservação.

wildernessdestinations.com



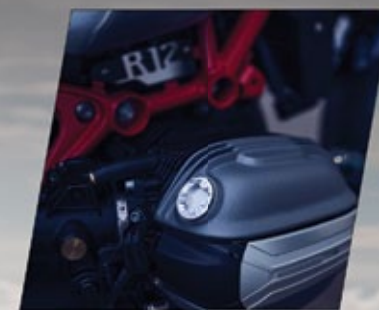


Depois da inauguração do suntuoso Raffles Udaipur, em 2021, com as proporções de um palácio principesco, o Raffles Jaipur também chega ao Rajastão, mas dessa vez à Cidade Rosa, e com uma proposta mais intimista e alma feminina. Sim, o hotel, com apenas 50 quartos, foi inspirado por uma zenana (harém) da corte mughal – aposentos privados do palácio que eram projetados e destinados apenas às mulheres, sempre luxuosos e repletos de ostentação, com colunas esculpidas e pisos de mármore. O Raffles Jaipur usou essa referência e deu esse perfume a seus ambientes, trazendo, obviamente, a contemporaneidade necessária com inúmeros detalhes especiais. Os quartos contam com piscinas privativas ou banheiras de imersão externa, serviço de mordomo e decoração única, inspirada, claro, pela cultura *maharani*. O famoso Writers Bar, o bar *signature* da rede, recebe para drinks elegantes, e o terraço abriga uma impressionante piscina e o restaurante mediterrâneo do hotel. raffles.com/jaipur

 **BMW
MOTORRAD**

R 12

URBANA E CLÁSSICA DA SUA MANEIRA



MOTOR BOXER COM
2 CILINDROS E 1.170 CM³



95 CV DE POTÊNCIA



TANQUE DE 14 LITROS
(COM 3,5 L DE RESERVA)



PAINEL TFT 3,5" &
CONECTIVIDADE

ESCANEE
E SAIBA MAIS



MAKE LIFE A RIDE



Agir no presente para transformar o futuro.

De Barreiros (PE) para a Superintendência Nordeste. Com mais de 30 anos de BB, Cristiane Albuquerque, superintendente estadual, lidera mais de 800 funcionários em Sergipe e Alagoas.

A gente se importa com a diversidade e, por isso, acredita no Programa “Raça é Prioridade”, que aprimora nossos processos para que cada vez mais lideranças negras ocupem posições como a da Cristiane.

Cristiane Albuquerque
Superintendente do BB

A gente
se importa

&BEYOND GALÁPAGOS EXPLORER

Com a premissa de um turismo responsável norteando suas iniciativas, a empresa de viagens de luxo &Beyond Travel é uma velha conhecida dos amantes de safáris na África e de viagens de exploração e aventura na Ásia e América do Sul. A companhia agora se aventura além-mar, mais especificamente com o lançamento de um almejado iate de expedições focado na conservação das Ilhas Galápagos. Com apenas seis suítes e capacidade para 12 hóspedes e dois tripulantes especializados, o *&Beyond Galápagos Explorer* vai investigar de forma cuidadosa e consciente a incrível biodiversidade da região, com foco na educação e conscientização dos hóspedes a bordo. Entre os destaques dos programas, há a oportunidade de momentos memoráveis de interação com a vida selvagem do arquipélago, como com o albatroz-de-ondas e a iguana-terrestre-de-santa-fé. Além disso, estão previstos *snorkel*, caiaque, caminhadas guiadas, observação de animais endêmicos e visitas à Estação de Pesquisa Charles Darwin, ao Centro de Reprodução Fausto Lleerena e à Reserva de Tartarugas El Chato, para ver as tartarugas-gigantes.

andbeyond.com



UNQUIET APRESENTA

TIVOLI
MOFARREJ
SÃO PAULO HOTEL



Em sentido horário a partir do alto, tratamento do Spa Anantara, vista do restaurante Seen, área da piscina do hotel e ambiente da suíte presidencial

Tempo perfeito

Um fim de semana no Tivoli Mofarrej São Paulo é uma experiência completa, com tratamentos no Anantara Spa, brunch no Must e jantar no Seen

Aum quarteirão da Avenida Paulista, existe um hotel que pode proporcionar um fim de semana perfeito para viajantes ou moradores de São Paulo. Esse lugar é o Tivoli Mofarrej São Paulo. Ele está muito próximo à Japan House e ao Masp. Com uma caminhada um pouco maior, chega-se ao Instituto Moreira Salles.

Entre uma exposição de arte e outra, dá para curtir muito o próprio hotel, a começar pelas acomodações. Esse cinco estrelas paulistano tem diversas categorias de quartos, incluindo a maior suíte presidencial da América Latina, com 750 m². Vale optar pela Deluxe Plus Room City View, que além de área de trabalho e uma sala mobiliada, oferece uma incrível vista da cidade.

Para ver São Paulo ainda melhor, é possível subir ao 23º andar do Tivoli e aproveitar o Seen, bar e restaurante com visão de 360 graus da cidade. O conceito da casa foi criado pelo chef franco-português Olivier da Costa. Do cardápio variado, prove o Wagyu Laminado e a irresistível Bomba Merengue. Para brindar, opte pelos *drinks* do Zodíaco, criações inspiradas nos

signos, que celebram a astrologia e a personalidade de cada um. Uma combinação perfeita de gastronomia, coquetelaria e vista espetacular!

Outra opção do Tivoli Mofarrej São Paulo é o Must Restaurant. Localizado ao lado da piscina externa do hotel, a casa tem mais de 30 opções no cardápio do *brunch* aos domingos e conta com a assinatura Nespresso. Destaque para o exclusivo Quindim de Maracujá, harmonizado com o Nespresso Forte.

Para relaxar, o hotel disponibiliza o Anantara Spa. O *gran finale* do fim de semana vem com um conceito tailandês para tratamentos e rituais, com *blends* de óleos e massagens.

Com esse fim de semana completo, não é surpresa o fato de o Tivoli Mofarrej São Paulo estar entre os principais hotéis da América do Sul, colecionando prêmios, como o Top 20 Hotéis da América do Sul do Condé Nast Traveler 2020 Readers' Choice Awards, e como o Hotel mais Instagramável das Américas, dado pela *Luxury Travel*. As diárias valem cada minuto. 📍

tivolihotels.com

HARLEY-DAVIDSON

UM ÍCONE DE LIBERDADE
DESDE 1903



PRODUZIDO
NO POLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA



PAZ NO TRÂNSITO
COMEÇA POR VOCÊ.



PANTANAL RIVER CRUISE

A maior planície alagada do planeta é um lugar de encanto e generosidade. Um dos mais importantes corredores ecológicos do Brasil, o Pantanal mantém preservadas suas raízes e abriga uma fonte inesgotável de vida. Promovendo uma imersão no bioma, o Pantanal River Cruise conecta, em seis dias de navegação, a bordo de uma embarcação com sete cabines, o norte e o sul da região pantaneira. A começar, é claro, por elas, as majestosas onças-pintadas. O maior felino das Américas reina só na região de Porto Jofre, que ostenta o título de melhor lugar para o avistamento das pintadas. A expedição toma seu rumo deslizando pelas águas, em uma rotina diária ao melhor estilo safári, com duas saídas diárias para “*games* fotográficos” em uma lancha de 14 lugares, que adentra os corixos e dá de cara com uma infinidade de espécies da fauna e flora. Entre as experiências, duas se destacam: a visita ao projeto Renascer, uma associação de mulheres artesãs dedicada à preservação de sua cultura e ao fortalecimento da sociobioeconomia da comunidade por meio da criação de artesanato feito com fibras de aguapé (uma vegetação comum na margem dos rios) e a quase indescritível beleza da Serra do Amolar, que emerge imponente em meio às águas, em um dos momentos mais emocionantes da viagem.

pantanalexplorer.com.br

UNQUIET APRESENTA



Uma vida boa

Sucesso nas mídias sociais, a campanha Life's Good, da LG, destaca histórias de superação e valoriza o otimismo

Viajar, fazer coisas simples, viver o momento e encarar os desafios. Tudo isso tem um combustível: o otimismo. Com esse pilar, a campanha Life's Good, da LG, está fazendo barulho nas mídias sociais e fora delas.

A gigante global de tecnologia apostou suas fichas em premissas simples, mas poderosas. Paixão, propósito, superação e... sorrisos. Não por acaso, o desafio lançado neste ano com a playlist Optimism Your Feed alcançou 1,2 bilhão de visualizações em três semanas, em plataformas como TikTok e Instagram. Com a ajuda de influenciadores, a LG incentivou o público a postar momentos felizes, ao lado de amigos ou simplesmente fazendo o coração com as mãos.

“Acreditamos que há um poder real em levar a vida com uma atitude otimista”, afirma Sonah Lee, *head* de marketing da LG do Brasil. “O desafio nas redes sociais, com a campanha Optimism Your Feed, tem tudo a ver com abraçar a oportunidade de inspirar com ações mais positivas o mundo virtual e o real.”

A campanha também entrou em campo. Ricardo Izezon dos Santos Leite, o Kaká, é o mais novo embaixador da LG para levar o otimismo e a perseverança em cada lance de sua vida. “O segredo está em acreditar na nossa história e seguir em frente”, destaca o ex-atleta, campeão da Copa do Mundo pelo Brasil em 2002.

Kaká é um cidadão do mundo – já morou em São Paulo, Milão, Madri e Orlando. Para a marca, a sua imagem e a sua trajetória representam a positividade e a superação. Tanto isso é verdade que o craque chegou a superar um acidente em uma piscina, o que poderia ter encerrado a sua carreira.

Para a LG, outro fato é importante é que todos são embaixadores e influenciadores. Cada consumidor de produtos da marca tem paixão não apenas pela tecnologia, mas pelo bom uso dela. Até porque é preciso tirar os olhos da tela e assistir ao pôr do sol. Isso certamente fará você sorrir. A vida é boa. Life's Good. 📍

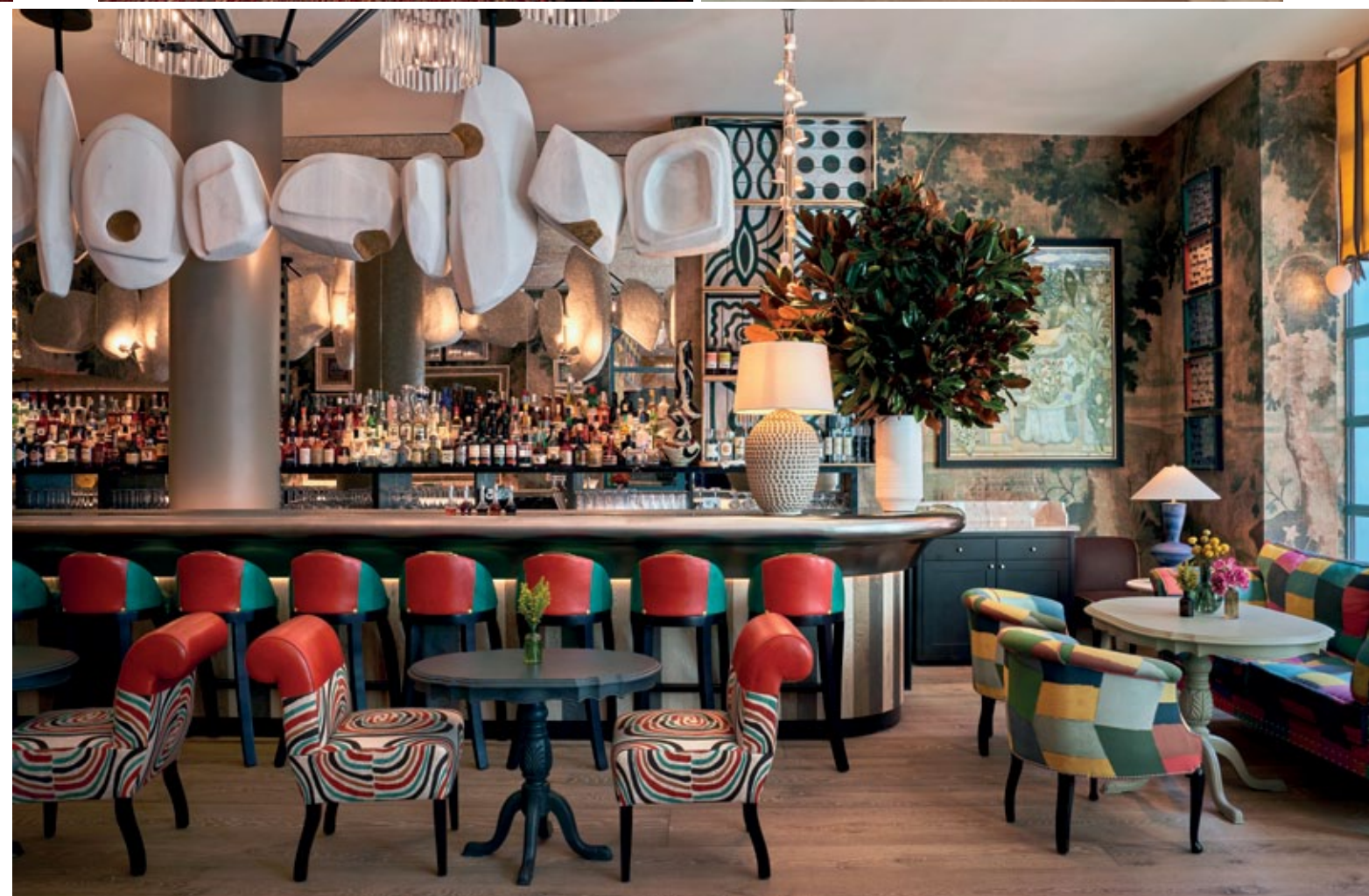
lg.com/lifegood



WARREN STREET HOTEL

Mais novo empreendimento do grupo Firmdale, uma rede de hospitalidade supervisionada pela designer Kit Kemp e famosa por manter hotéis *cool* em localizações idem, em metrópoles mundiais, o Warren Street Hotel tem carisma, humor e personalidade e consegue surpreender em Nova York. O ponto-chave é o design criativo e divertido, a assinatura de Kemp, que mistura tecidos, cores, estampas, porcelanas e objetos escolhidos a dedo por ela (a maioria de peças capitaneadas em suas viagens pelo mundo). Entre Tribeca e o Distrito Financeiro, o hotel é ao mesmo tempo cosmopolita e aconchegante, com apenas 69 quartos, todos decorados com obras de arte únicas, de todos os movimentos e estilos, o que torna os espaços irreverentes e irresistíveis em diferentes paletas, mas todos esbanjando charme e sofisticação – outra marca registrada do grupo, que arrebatou hóspedes exigentes e acostumados a hospedagens de alto padrão. Já eleito como o novo *it place* do Distrito desde que abriu as portas, o The Warren, o restaurante do hotel, é descolado e conta com uma espécie de sala extra, a The Orangery, para jantares menos agitados, mas igualmente badalados.

firmdalehotels.com



TROUSSEAU



BEACH BLISS
DESFRUTE O PARAÍSO



DESCUBRA EM
[TROUSSEAU.COM.BR](https://trousseau.com.br)



48 HORAS

Sevilha, pura sedução

A capital da Andaluzia é um arroubo para a alma e para o paladar

POR NATHALIA HEIN

A capital da Andaluzia tem uma personalidade que parece palpável. É forte, intensa, diversa, sexy, gastronômica e cultural. Sevilha é, definitivamente, o lugar para vivenciar o melhor da cultura andaluz, experimentar a deliciosa tradição das tapas, mergulhar na cultura por meio da mistura arquitetônica gótica, *mudéjar* e renascentista e, claro, perder-se por suas ruelas estreitas e cheias de histórias, além de encontrar um tempo para cair de amores pelos passos sedutores de um show de flamenco – há sempre um acontecendo, em qualquer praça ou esquina.

Orla do Guadalquivir: um dos primeiros passeios para entender a cidade é pela orla do rio que corta Sevilha e desemboca no Atlântico, fazendo da cidade um dos principais portos do país. Além de lindíssima, a caminhada (alugue uma bike se preferir) passa por diversos pontos interessantes, com destaque para a Torre del Oro, remanescente do domínio árabe.

Mercado de Triana: depois de percorrer as margens do Rio Guadalquivir, reserve algum tempo para se perder pelos corredores desse mercado, que é um ícone da cidade. O lugar pouco mudou desde os anos 1920 e cultiva um ar histórico, onde produtos tradicionais regionais são vendidos e podem ser degustados em muitas das lojas.

Real Alcázar de Sevilha: entre os muitos pontos históricos da cidade, incluindo nessa lista a impressionante Catedral de Sevilha, a maior catedral gótica do mundo, e La Giralda, se for preciso eleger um deles, escolha o Real Alcázar, considerado o palácio mais antigo em uso na Europa. Na verdade um conjunto de palácios, o lugar tem mais de mil anos, data da Idade Média e se destaca pela mistura de estilos arquitetônicos que, juntos, recontam a história da Andaluzia: os estilos islâmico, *mudéjar*, gótico, barroco e renascentista revelam a herança da alternância de poder na região em diferentes fases da história.

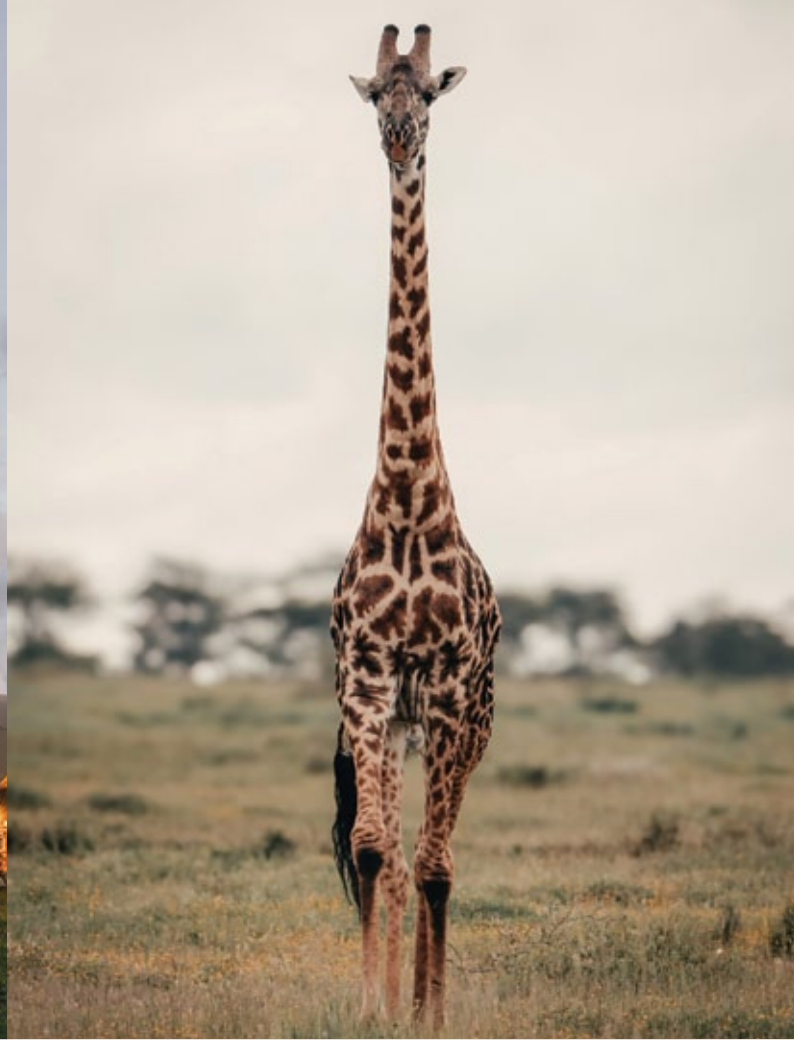
Em sentido horário, barcos atracados à margem do Rio Guadalquivir com a Torre del Oro ao fundo, o Mercado de Triana, a Plaza Virgen de los Reyes, em Santa Cruz, e o restaurante do Palacio Pinello. Na página ao lado, um dos ambientes do Real Alcázar

Santa Cruz: o bairro, também conhecido como *juderia* porque era o antigo bairro judeu, é o lugar ideal para uma tarde de indulgência, entrando e saindo de lojinhas, galerias de arte e bares de tapas, uma tradição que, pelo menos uma vez por dia, deve ser cumprida. Afinal, uma boa copa, um *jamón* e um *pan con tomaca* são bem-vindos a qualquer hora.

Comer: com uma estrela *Michelin*, o consagrado Cañabota é um restaurante de frutos do mar que funciona no estilo *live cooking*: os pescados e frutos do mar ficam expostos em uma vitrine e o preparo acontece em frente aos comensais. O menu de degustação celebra os melhores pratos do *chef*. Opção clássica de cozinha típica andaluz, o Manolo León tem três casas na cidade, sendo um lugar para provar acepipes como croquetas, *gaspacho* e os maravilhosos enopados do cardápio.

Tapear: o lugar mais antigo de Sevilha para comer boas tapas a qualquer hora do dia, o Bar Europa tem mais de 100 anos de história e nunca decepciona com suas especialidades tradicionalíssimas. Uma instituição em Sevilha, a Bodega Santa Cruz tem clima descontraído, clássicos como *boquerones*, calamares fritos e fartas porções de *jamón* e tábuas de queijos.

Ficar: no centro da cidade, a curta distância de atrações como a catedral e o Alcázar, está o hotel mais grandioso de Sevilha. Instalado em um edifício histórico, tem decoração clássica, uma bela piscina e jardins. Menor, aconchegante e aninhado no Casco Antiguo, o centro histórico da cidade, o Palacio Pinello Boutique Hotel ocupa uma mansão típica andaluz convertida em um hotel de charme, com decoração minimalista e serviço atencioso. 📍



WILDERNESS

Discover Earth's Ultimate,
Untamed Places

Wilderness Usawa Serengeti – Experimente a Grande Migração



Testemunhe um dos maiores espetáculos da Terra no Wilderness Usawa Serengeti. Este premiado lodge móvel de luxo move-se entre as principais áreas do Serengeti, oferecendo lugares na primeira fila para as cenas da maior migração de mamíferos do mundo. Privativo, elegante, íntimo, experimente uma aventura verdadeiramente exclusiva e envolvente no Leste Africano, longe das multidões.





A arte da transformação

Fundado em 2009, o Instituto Campana foi criado pelos designers brasileiros Fernando e Humberto Campana para preservar seu acervo, produzido em mais de 40 anos de trajetória, para as gerações futuras e promover o design como uma ferramenta de transformação social por meio de programas culturais e educacionais

POR CORINNA SAGESSER

UNQUIET - Como surgiu a ideia de criar o Instituto Campana? Quando foi?

Humberto Campana - O Instituto Campana surgiu depois de uma viagem que eu e Fernando fizemos ao Nordeste, em 2006, a convite da senhora Ruth Cardoso, que promovia um projeto social chamado Artesol com artesãos na região. Fomos a uma cidade chamada Esperança, na Paraíba, onde conhecemos uma pequena comunidade de costureiras que faziam bonecas de pano, a Casa da Boneca Esperança. Acharmos lindo o trabalho e compramos uma boa quantidade para levar para o estúdio, em São Paulo. Fizemos

uma cadeira forrada com elas, no estilo de nossas banquetas de bichos de pelúcia, e a batizamos de Cadeira Paraíba. Ela ganhou as páginas de vários jornais e revistas ao redor do mundo. Um ano mais tarde, recebemos uma ligação da comunidade, contando que a divulgação da peça contribuiu para o aumento na venda das bonecas, a ponto de possibilitar a compra de um galpão maior e aumentar o quadro de funcionários. Foi aí que percebemos o impacto que a escolha de materiais tem na economia circular, especialmente entre os pequenos negócios. Em vista disso, em 2009, Fernando e eu fundamos o Instituto Cam-

pana, oficializando nosso compromisso com as pessoas que fazem parte dessa cadeira, ou mesmo aquelas que não fazem, mas podem se beneficiar com projetos socioeducativos.

Qual é o principal objetivo do instituto?

Ele tem algumas missões. O primeiro é cuidar do nosso legado, preservando nosso trabalho para as futuras gerações. Para isso, temos um galpão onde guardamos todo o nosso acervo, catalogado digitalmente. Temos também ações sociais em colaboração com outras ONGs por meio de palestras, oficinas e parcerias, que por sua vez também destacam a impor-

tância de resgatar tradições e técnicas manuais que estão desaparecendo. Hoje o principal objetivo do Instituto Campana é viabilizar o nosso projeto mais ambicioso, que é o Parque Campana.

Como vocês associam o design como uma ferramenta de transformação social nos projetos?

O design é transformador por natureza. Ele provoca um novo olhar sobre como vivemos nossa vida através de objetos. Nós procuramos trazer, com as nossas experiências, possibilidades de expansão do olhar sobre o que é possível fazer com as próprias mãos. É libertador para quem ensina e para quem aprende.

Como se valorizam e se resgatam a cultura popular e técnicas artesanais por meio dos projetos do instituto?

A valorização se dá na medida em que olhamos para técnicas já conhecidas, que estão até de certa forma desgastadas, estagnadas ou estigmatizadas, e as projetamos para o futuro de forma sofisticada, contemporânea, aplicando-as em novas esferas, sempre com a preocupação de dar dignidade às nossas raízes.

Você acredita que por meio da arte pode se desenvolver a inclusão social?

Com certeza. Com a arte, as pessoas enxergam um novo horizonte sobre o que podem fazer com suas ideias colocadas em prática, aprendendo técnicas, criando linguagens e narrativas e expressando seus pensamentos de alguma forma concreta no mundo e se inserindo nele com seu trabalho.

A preservação da coleção Campana é uma forma de deixar um legado para a sociedade. Conte de que maneira o instituto desenvolve esse papel.

O Instituto Campana tem sede em Brotas (SP), cidade onde Fernando

e eu fomos criados. Lá temos nosso acervo, com mais de 6 mil peças, com protótipos, provas de artistas, peças de nossas coleções e também licenciadas. Além disso, temos uma mapoteca com cadernos originais de desenhos, croquis, colagens, ilustrações e todo tipo de documentação, com as premiações que recebemos, *clippings* de imprensa, doações, peças adquiridas por instituições etc.

Conte um pouco sobre o Projeto Arrastão e o Projeto Aliança de Misericórdia.

A parceria com o Projeto Arrastão começou em 2015, após uma palestra que eu fiz na sede do Arrastão em Campo Limpo. Depois eu voltei e fiz um workshop com jovens do Arrastão para estimular a criatividade na produção de objetos, contemplando reciclagem, transformação e reinvenção.

Tivemos uma doação de jeans doados por uma empresa de moda, então essa foi nossa matéria prima. Durante o workshop, incentivamos os jovens a desenvolver algumas propostas utilizando tecido em móveis e objetos. Eu e Fernando fizemos uma curadoria dos trabalhos e aprimoramos os objetos ao longo de um ano. O resultado do trabalho foram as peças BlackPower (banco), MultiPocket (banqueta alta, banqueta baixa e toalha de mesa), Estrela (almofada).

Gostei muito desse projeto pois pudemos ampliar o horizonte dos alunos, usando um material simples e familiar. Essa coleção continua sendo vendida e rendendo frutos para a comunidade. Sobre a Aliança de Misericórdia, eu tenho muito orgulho desse projeto. A Comunidade Aliança de Misericórdia, localizada em Piracicaba, no estado de São Paulo, recebe homens em situação de rua de todo o Brasil para ajudá-los a reconstruir suas vidas. Em 2017 eu fui até lá para fazer um workshop para incentivar os participantes a trabalhar com materiais



Acima, cadeira Paraíba, coleção Jeans, do Projeto Arrastão, e coleção Tijolo, do Projeto Aliança de Misericórdia. Na outra página, Humberto Campana na cadeira Teddy Bear Leather

predominantemente disponíveis na cidade. A caminho de lá passei por uma olaria, que nos doou tijolos em estado úmido, e com esse material eu propus a eles expressarem seus sentimentos com as suas mãos, simbolizando a reconstrução das suas vidas. Assim, foi criada a coleção Tijolo, com vasos e fruteiras feitos de tijolos de argila molhada. A coleção é vendida pelo Instituto Campana e todo lucro volta para a comunidade, mostrando que é possível transformar vidas através do design. 📍

institutocampana.org.br

FESTIVAIS

Bumba Meu Boi

Uma das maiores manifestações culturais do Brasil transforma o Maranhão em uma grande festa, que conecta a arte, a fé e uma musicalidade contagiante

POR CAMILA FRÓIS
FOTOS RUY BARROS E BÁRBARA COLETTI

Em todo o país, as festas populares proporcionam experiências de imersão na nossa cultura e criam experiências que permitem ao público mergulhar na dinâmica local, entender as histórias das pessoas e vivenciar experiências – das mais cotidianas às mais extraordinárias – não como espectadores, mas como atores.

As festas têm o poder de conectar de uma forma única moradores e viajantes, trazendo o visitante para dentro da comunidade, para que ele possa conhecer suas crenças, sua culinária, sua musicalidade e até as epifanias e catarses coletivas, profanas e sagradas, que a unem enquanto povo. Elas aproximam as pessoas, fortalecem o patrimônio imaterial e descurtam atrativos menos óbvios do país.

INSTINTO E DEVOÇÃO

Dessa forma, as festas aliam religiosidade, sociabilidade e musicalidade e se emolduram com mascarados, caretas, reis, rainhas, caboclos, porta-estandartes, pastoras e muitas outras fantasias e personagens. Elas são celebradas, às vezes, em grandes espetáculos e, em outras, de forma mais simples, mas sempre com sofisticação em sua essência.

Nesse contexto, o Maranhão ostenta uma das maiores manifestações populares do Brasil: o bumba meu boi. Essa expressão da cultura popular das



Ao lado, o Boi de Maioba, um dos mais tradicionais. Na página ao lado, caboclos de pena do Boi Maracanã e o figurino dos dançarinos

regiões Norte e Nordeste acontece desde o século XVIII e ganhou características e uma estética própria em cada estado em que se consolidou.

Devido à sua complexidade cultural, a tradição ultrapassa o ciclo junino e apresenta uma programação diversa, que se estende pelos meses de junho e julho e se mantém presente no cotidiano do povo maranhense, que, por instinto e devoção, não cansa de ecoar sua história.

A programação inclui incríveis cortejos de grupos folclóricos, concertos de música típica do estado e competições de grupos de dança, que ocorrem paralelamente a outras manifestações, como o tambor de crioula e as quadrilhas, que também tomam as ruas em junho.

Metáfora que flutua entre a lenda e a realidade, o festejo apresenta por meio de uma rica linguagem narrativa e visual a impermanência do ciclo vida-morte-vida: o boi nasce, morre e ressuscita como uma estrela, em Noite de São João. Conceitualmente, a manifestação se materializa em um auto popular religioso, que mistura influências indígenas, europeias e africanas, simbolizando as principais etnias formadoras do povo brasileiro. O enredo da festa dramatiza as relações sociais entre patrão e subalternos – para celebrar a fé e a devoção aos santos do catolicismo, em especial São João, Santo Antônio, São Pedro e São Marçal.

Independentemente da crença de quem participa, a festa causa fascínio por misturar a arte visual do bordado nas indumentárias e no couro do boi, a teatralidade performática dos personagens e uma música cíclica, que lembra um tipo de mantra, contagiando todos em volta.

Durante a festa, os personagens, humanos e espirituais, como Pai Chico, Mãe Catirina, Boi, Patrão, Vaqueiros, Índios, Caboclos e Cazumbás, são incorporados por corpos brincantes, que ganham vida com um figurino simbólico materializado por talentosos artesãos, que bordam as inspirações desse rito rítmico.



OS SOTAQUES QUE EMBALAM A FESTA

O bumba meu boi do Maranhão se destaca dos festejos similares de outros estados do país pela variedade de grupos que possuem estilos rítmicos diferentes. Esses estilos são conhecidos como sotaques, que dependem dos instrumentos utilizados pelos músicos. Os principais são os sotaques de matraca, de zabumba e de orquestra (com diferentes instrumentos de corda e percussão).

O som mais ouvido nas festas, porém, é o do pandeirão, um instrumento enorme de couro, que os músicos esquentam no fogo, para afinar, e tocam com a mão, embalando a dança dos atores e dos turistas, que se juntam à festa para dançar, seguindo a batida forte e constante.

Em todo o mês de junho, essa batida ecoa pelo centro histórico e pelos principais bairros de São Luís. Se quiser ouvir um ensaio, curtir um arraiá ou acompanhar um cortejo, é só seguir o som.

Uma apresentação imperdível é a da Companhia Barrica, que é formada por bailarinos muito talentosos e alia ritmos, sotaques e coreografias ao se utilizar das principais brincadeiras do Maranhão, incluindo os espetáculos junino, carnavalesco e natalino. Por sua dimensão multifacetada, ela simboliza a potência que a cultura carrega no estado.

A Companhia Barrica simboliza a potência que a

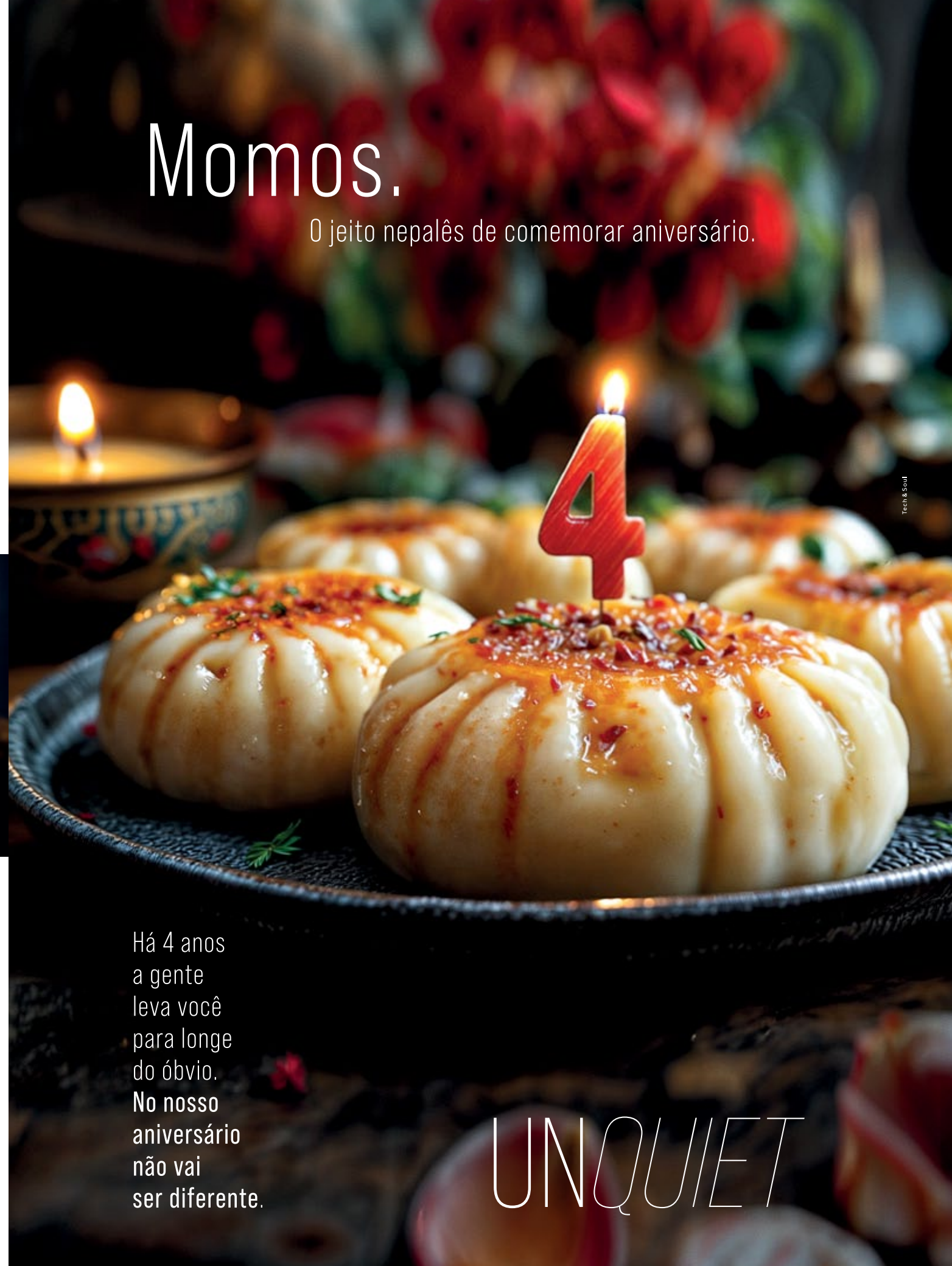
Acima, em sentido horário, multidão celebra o Festejo de São Marçal, figura da Índia em Festa do Boi de Nina Rodrigues e ritual do Boi na Lua Cheia

cultura carrega a partir de sua impermanência: o encontro da tradição à inovação, além de uma performance impecável de bailarinos profissionais. A programação dos arraiás também inclui manifestações mais tradicionais, como as do Boi da Maioba, que encantam pela emoção com que músicos e dançarinos, de diferentes idades, interpretam uma das mais famosas lendas brasileiras. Seja qual for o sotaque ou a companhia que você prestigiar, o importante é se permitir brincar e celebrar a beleza, a sensibilidade e a criatividade de nossa cultura imaterial. 📍

turismoaoluis.com.br

Momos.

O jeito nepalês de comemorar aniversário.



Há 4 anos a gente leva você para longe do óbvio. No nosso aniversário não vai ser diferente.

UNQUIET



BIBLIOTECA

Olhos Abertos sobre o Pulmão do Mundo

Uma seleção literária para entender a Amazônia e enxergar por trás da cortina de fumaça que a oprime em tantas esferas

POR FRANCISCO BOSCO

A Amazônia é a um tempo um objeto geográfico, social, econômico e antropológico. Uma introdução ao seu estudo deve contemplar, no mínimo, essas dimensões. Por geografia amazônica, entendo as suas singularidades ambientais e territoriais, sua fauna e sua flora. A floresta amazônica é um ecossistema bastante específico, que sempre desafiou modos de racionalidade estrangeiros, que tentaram impor uma ordenação inadequada e, logo, fracassada.

A floresta é ainda, claro, uma questão social e econômica: um extraordinário ativo ambiental – o “pulmão do mundo” e seus rios voadores –, com um potencial bioeconômico sustentável por se desenvolver. E, por outro lado, a depender da perspectiva política, um entrave para o desenvolvimento eco-

nômico de modelo extrativista, cujos limites só não estão mais claros hoje porque a fumaça que exala não permite que se os enxerguem bem.

Finalmente, a floresta amazônica é há milhares de anos a morada de povos indígenas, povos que durante os séculos da colonização foram percebidos como subdesenvolvidos, sub-humanos, mas que hoje, ao menos para os setores alinhados à produção antropológica e arqueológica contemporânea, são vistos e valorizados como detentores de tecnologias políticas, sociais e ambientais que podem ajudar a solucionar os descaminhos a que a dialética da técnica moderna conduziu grande parte da humanidade – e da terra.

Aqui vai, portanto, uma breve lista de livros que ajudam a pensar esse conjunto de questões.

Jollof Rice.

O jeito senegalês de comemorar aniversário.



Há 4 anos a gente leva você para longe do óbvio. No nosso aniversário não vai ser diferente.

UNQUIET



HISTÓRIA DOS ÍNDIOS NO BRASIL
(organizadora *Manuela Carneiro da Cunha*)

Esta obra contém mais de duas dezenas de textos sobre diferentes aspectos da Amazônia e de outros territórios indígenas em todo o Brasil. É um catatau de referência, uma extraordinária introdução sobre a história indígena no Brasil, suas grandes famílias linguísticas, as coleções etnográficas existentes, a legislação relativa aos indígenas desde o período colonial, a história de diversos povos, o “encontro” com o colonizador e seus impactos, entre muitos outros temas. É um livro esgotado, por isso bastante caro, mas imprescindível.

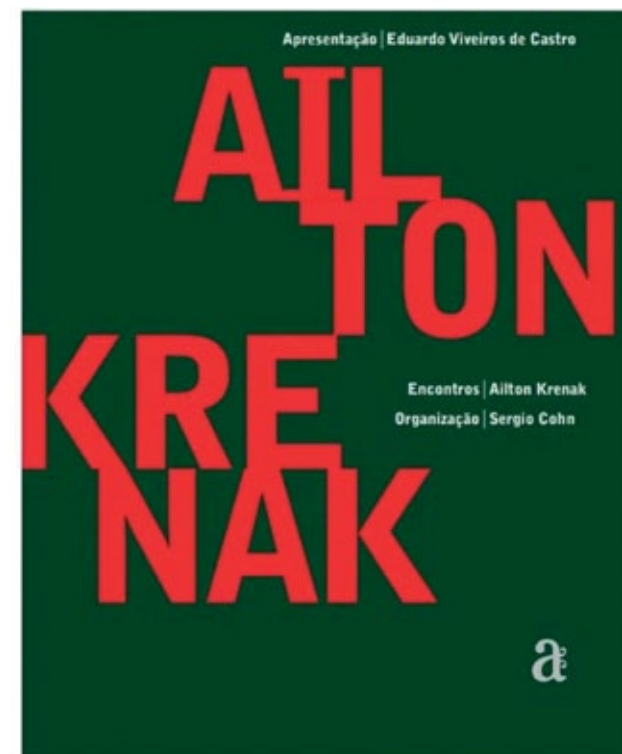
O POVO BRASILEIRO
(*Darcy Ribeiro*)

Antropólogo, político, educador, Darcy Ribeiro é um dos grandes personagens brasileiros do século XX. O livro é a sua obra magna, escrita nos últimos anos de sua vida. É uma história da formação do Brasil, com a devida ênfase na contribuição dos povos indígenas. Darcy, como se sabe, era um *socialista moreno*, um marxista com extraordinária sensibilidade para os povos indígenas, que entendia o processo de miscigenação do povo brasileiro como o fruto rico e promissor de uma origem violenta. É um livro necessário neste momento, em que parte da sociedade brasileira rejeita a mestiçagem e defende o tribalismo como o caminho para a igualdade.



A INCONSTÂNCIA DA ALMA SELVAGEM
(*Eduardo Viveiros de Castro*)

Este livro reúne cerca de uma dezena de ensaios daquele que é possivelmente o pensador brasileiro mais original das últimas décadas. Viveiros de Castro se inscreve numa antropologia que estuda o indígena enquanto indígena, e não como brasileiro. Ele está interessado em descrever e interpretar as cosmovisões indígenas, suas ontologias, sua espiritualidade, suas formas políticas. Destaco dois ensaios do volume. Em “O mármore e a murta”, ele investiga os sentidos da perplexidade dos jesuítas no Brasil colonial diante de um paradoxo: os indígenas eram facilmente convertidos ao cristianismo, mas ainda mais facilmente abandonavam a fé recém-adquirida para voltar a seus costumes antropófagos. Já em “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”, o antropólogo realiza um verdadeiro *tour de force* conceitual, virando de cabeça para baixo a filosofia ocidental a partir do que seria a perspectiva, ou o perspectivismo, indígena.

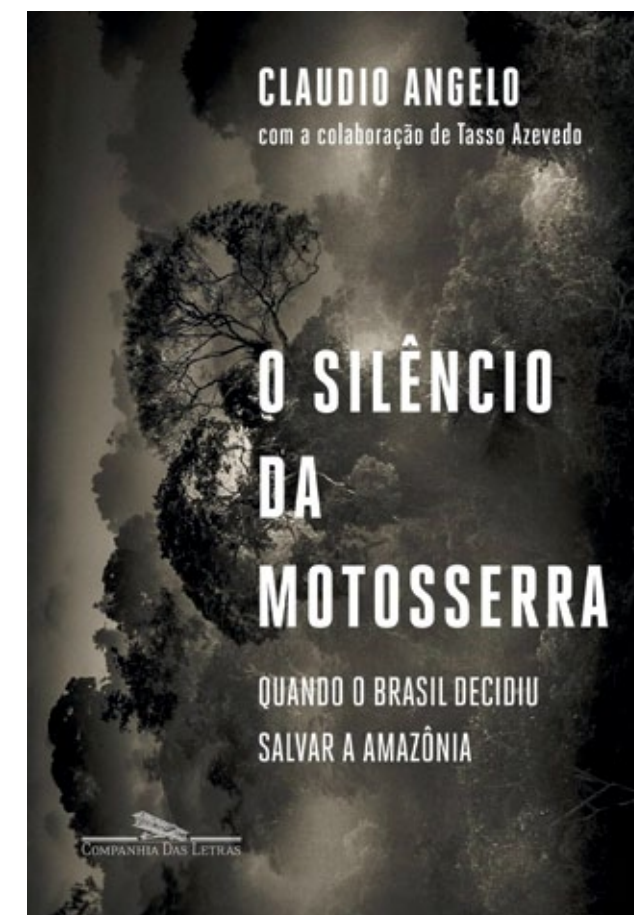


ENCONTROS
(*Ailton Krenak*)

Ainda jovem, Ailton Krenak protagonizou uma das cenas mais marcantes do processo de transição democrática da Nova República, ao discursar na Assembleia Constituinte, em 1987, pintando seu rosto de jenipapo e denunciando a ganância e a violência do Estado brasileiro contra os povos indígenas. Nos últimos anos, Krenak se tornou uma das mais importantes lideranças indígenas do Brasil e do mundo, com Davi Kopenawa, Sonia Guajajara e lideranças emergentes, como Joenia Wapichana e Txai Suruí. Ele tem publicado livros curtos de grande sucesso, mas, para mim, suas palavras mais bonitas são ainda aquelas reunidas neste volume de entrevistas e relatos, que faz parte da coleção Encontros, da editora Azougue.

O SILÊNCIO DA MOTOSSERRA
(*Claudio Angelo e Tasso Azevedo*)

Neste livro, recém-publicado, o jornalista Claudio Angelo e Tasso Azevedo, coordenador do MapBiomias, examinam as políticas públicas do Estado brasileiro, que, entre 2005 e 2012, foram capazes de reduzir drasticamente o desmatamento na Amazônia. Para ter uma ideia, em junho de 2005 detectou-se a queda de extraordinários 95% do desmatamento em relação ao mesmo mês do ano anterior. Como isso foi possível? Que políticas públicas, que atuação da sociedade civil tornaram isso possível? Livro imprescindível para entendermos o caminho e, sobretudo, para acreditarmos ser possível a preservação da floresta no momento ambiental mais dramático da história recente da humanidade.



Impacto positivo

Pequenas escolhas de viagem que trazem grandes mudanças para você e para o mundo

POR LUCIANA LANCELOTTI



ELEGÂNCIA SUSTENTÁVEL

Utilizando ECONYL®, um náilon regenerado flexível e resistente à água, a mochila média da linha Signature Rimowa não apenas atesta um compromisso com o meio ambiente, mas também oferece uma dose de elegância descomplicada aos aventureiros urbanos e mochileiros de plantão. A peça acolhe seus objetos pessoais mais indispensáveis (de um laptop de até 16 polegadas a itens essenciais de viagem) graças à alça exclusiva e à arrumação interna inteligente. O estilo ganha ainda mais pontos com o monograma tridimensional e o acabamento de couro. Uma prova de que o caminho sustentável pode ser, sim, o mais estiloso.

rimowa.com



VELOZES E INSPIRADORES

De olho no comportamento dos tubarões — seres rápidos e eficientes, que dominam os mares há eras —, a Basf investigou o segredo por trás da sua velocidade. E descobriu que a pele desses predadores, composta de escamas chamadas placoides, reduz o atrito com a água, dando aquele empurrãozinho extra na hidrodinâmica. Assim nasceu a Shark Coat, película sintética biotecnológica que imita a pele do tubarão:

aplicada à prancha de surfe, ela cria uma camada que aumenta a velocidade em até 30% ao deslizar sobre a água. A inovação marca a primeira vez na história do surfe que a superfície da prancha pode ser modificada para melhorar seu desempenho. O produto já está disponível para aplicação em Florianópolis, Curitiba, Santos (SP), Rio de Janeiro, Guarujá (SP) e São Paulo.

sharkcoatbrasil.com

NEVE EM CORES

Colocar os óculos de esqui Smith 4D MAG é como ativar o modo “supervisão”. Com tamanho médio e lentes inovadoras (disponíveis em 12 tonalidades), eles ampliam o campo de visão periférica, inspirados na precisão das aves de rapina, garantindo que se perceba cada detalhe ao esquiar, desde leves ondulações no gelo até a aproximação de outros esquiadores. Outra vantagem é o sistema de troca de lentes Smith MAG, com ímãs, que facilita a substituição rápida. Para completar, as lentes ChromaPop realçam cores e detalhes com uma clareza impressionante. O melhor de dois mundos: além da tecnologia visual, a Smith aposta em sustentabilidade, utilizando materiais reciclados e reduzindo resíduos.

smithoptics.com



UM PANAMÁ PARA CHAMAR DE SEU

Não é de hoje que tradição e estilo se convergem em criações eternas — este chapéu panamá é um dos símbolos desse encontro, produzido artesanalmente no Equador com palha *toquilla*, uma fibra 100% natural e biodegradável. Na busca por adicionar arte a esse legado, a Pirei no Chapéu oferece chapéus panamá autênticos, enriquecidos com a pintura manual da artista Vivian de Campos, e clássicos adornados com detalhes. A marca eleva a personalização ao adaptar o design aos desejos do cliente. Uma peça para toda a vida.

[@pireinochapeu](https://www.instagram.com/pireinochapeu)

C6 CONTA GLOBAL

Praticidade e economia. São esses os benefícios que clientes desfrutam ao abrir a C6 Conta Global. O primeiro deles é a vantagem de ter um aplicativo que integra a vida financeira em real, dólar ou euro em um só lugar. É possível fazer câmbio instantâneo em segundos e transferências internacionais em poucos toques. Além disso, proporciona uma economia de cerca de 8% em gastos internacionais em relação a compras com cartões de crédito. Acesse o site para saber mais e aproveite nas suas próximas viagens.

c6bank.com.br



NATUREZA EM ZOOM

Os binóculos são essenciais durante os safáris e várias outras atividades ao ar livre. Para esse estilo de aventura, o modelo Terra ED 10x42, da Zeiss, é um investimento certo porque combina leveza e qualidade óptica excepcional (com zoom de 10x), sem contar as práticas sustentáveis adotadas pela marca em toda a sua cadeia de produção. Os detalhes da vida selvagem podem ser capturados com precisão, mesmo sob condições de pouca luz — os binóculos são à prova d'água e neblina, o que faz deles companheiros ideais para qualquer clima.

zeiss.com



BRASIL

ALÉM DOS VENTOS

Parte da costa semiárida brasileira, o litoral potiguar excede as maravilhas de São Miguel do Gostoso e adentra dunas douradas, manguezais e as águas salgadas de Galinhos, em um ecossistema raro

TEXTO E FOTOS VICTOR COLLOR



A chegada ao Rio Grande do Norte é rapidamente percebida pela umidade relativa do ar, de mais de 60%, a ponto de os óculos embaçarem ao sair das salas refrigeradas do aeroporto internacional de Natal. O caminho de quase duas horas até São Miguel do Gostoso – a nossa primeira parada – vai ficando cada vez mais remoto após a saída da capital, onde a cada quilômetro é possível avistar mais e mais geradores de energia eólica, que permeiam grande parte do litoral potiguar.

Pouco antes da chegada a uma das capitais dos esportes náuticos à vela no Brasil, a Praia de Touros é o marco zero da BR-101, com uma obra de Oscar Niemeyer que celebra o início dos 4.650 km de extensão da rodovia, que cruza o país por 12 estados, até São José do Norte, no Rio Grande do Sul, já próximo à fronteira com o Uruguai.

QUE GOSTOSO...

Após os mais de 100 km percorridos desde a capital até São Miguel do Gostoso, chegamos à APP (Área de Preservação Permanente), coberta por vegetação nativa, em que está localizado o Hotel Nanii, base para os que desejam ir além dos ventos e adentrar as distintas formações da Costa Semiárida do Brasil e explorar a natureza única da região, que

Acima, farol e charrete no trajeto entre São Miguel do Gostoso e Galinhos



Velejador aproveita o vento da região sob o emoldurado pelo cenário das dunas de Galinhos

A costa semiárida do Brasil tem águas mais salinas do que a média do restante do mar brasileiro

mistura o azul do mar, o dourado das dunas, o verde da taboa e as águas salgadas de Galinhos.

A Costa Semiárida é um macrocompartimento geomorfológico do litoral do Nordeste brasileiro, que vai de Ponta dos Mangues Secos, no Maranhão, a Cabo do Calcanhar, no Rio Grande do Norte – exatamente onde estamos!

É o trecho do litoral brasileiro sob a crescente influência do clima semiárido, que avança desde o interior, e tem paisagens como nenhuma outra região. E, como rotina diária dos que vivem com vista para o mar, a ida a Galinhos também depende da tábua de marés. É a maré baixa que dita o horário de saída para explorar o local.

A jornada começa às 7 horas, com um café da manhã reforçado, com cuscuz, carne-de-sol na nata e queijo coalho, para seguirmos pela estrada, sob o sol... Na verdade, “estrada” é algo relativo nessa região do Brasil. Com a baixa da maré, forma-se uma longa faixa de areia que acaba sendo utilizada como a principal via entre municípios, pela praticidade e, claro, pela beleza de conduzir com vista para o mar.

O Rio Grande do Norte também está entre os estados que disputam com a Bahia o local onde atracaram as primeiras naus portuguesas. A Praia do Marco do Descobrimento é a primeira parada no caminho até Galinhos e dá pistas do que iremos encontrar: praias silenciosas e remotas, com vegetação rasteira e inúmeros cactos e bodes, cenário que forma um contraponto distinto entre o mar e o sertão.



Pela legislação, os geradores de energia eólica têm um limite de distância estipulada nas proximidades do município de São Miguel do Gostoso e, conforme nos afastamos, eles vão ficando cada vez mais próximos do oceano, o que impressiona pela grandeza de torres colossais sobre as dunas. Isso faz com que nos questionemos sobre a intervenção do homem na natureza e no profundo impacto na migração de aves da Região Nordeste do Brasil.

ENTRE DUNAS E SALINAS

Logo adiante, chegamos a Caiçara do Norte, um município com números que chamam a atenção. Aproximadamente 1,2 mil, dos 6,2 mil habitantes, dedicam a vida à pesca, com mais de 300 barcos cadastrados, sendo a maior colônia de pesca artesanal no estado. A partir dali, a vegetação passa a ser infinita e ainda mais árida. As dunas douradas se tornam curvas que se misturam com o azul do céu, que fazem os olhos perderem a noção de espaço e horizonte. Essa é a sensação da chegada a Galinhos.

A costa semiárida do Brasil guarda águas mais salinas do que a média em todo o Brasil. Isso se dá pelo fato de os solos serem menos permeáveis e também pelo assoreamento dos estuários por parte das dunas móveis, que faz com que a salinidade natural se torne mais elevada devido ao confinamento da água no continente. Do alto das dunas, no caminho para o porto de Galinhos, é possível avistar a salina Diamante Branco, um dos maiores polos de produção de sal no país, com cerca de 600 mil toneladas anuais.

A salina Diamante Branco. Na página ao lado, pedras de sal produzidas no local





O entardecer na
Lagoa do Reduto



Do *buggy* para o barco, adentramos as águas salgadas, que mantêm um ambiente único, onde inúmeras espécies coexistem com cavalos-marinhos, sendo essa uma espécie que baliza o equilíbrio saudável de um ecossistema. O barco de Josimar, nosso guia local, navega por águas calmas da península, entre manguezais e dunas, de onde é possível avistar, além dos cavalos-marinhos, diferentes aves e uma grande concentração de caranguejos-aratu em meio às raízes aéreas de um dos ecossistemas mais complexos e fascinantes do litoral brasileiro.

Algumas milhas navegadas depois, Josimar atraca o barco para “montar acampamento”. É ali que iremos ficar por algumas horas para descansar, tomar banho nas águas salgadas e almoçar sob o sol de 40 °C, tendo como sombra somente a estrutura do barco.

Acredite ou não, a beleza da vida está na simplicidade. Recém-pescadas, Josimar abre quantas ostras forem necessárias e monta uma brasa na popa do barco, em uma cozinha improvisada. No menu, fatias de peixe cru com molho de pimenta, ceviche, camarões no alho e óleo e peixes na brasa, servidos em cima de uma prancha de surfe presa ao barco.

Para sentar-se, redes para relaxar na maré baixa. Precisa de mais?

O retorno a São Miguel do Gostoso é extasiante, com a mudança de cores na paisagem e no céu, que vai do roxo ao rosa e, como dizemos nós, nordestinos, com o “sol já mais frio”.

A saída de Galinhos tem que ser calculada para chegar em tempo à Praia de Touros, já próxima a Gostoso. Ali acontece o pôr do sol mais emblemático da região, com a imensa bola dourada se pondo atrás dos geradores de energia eólica, emoldurados no Atlântico.

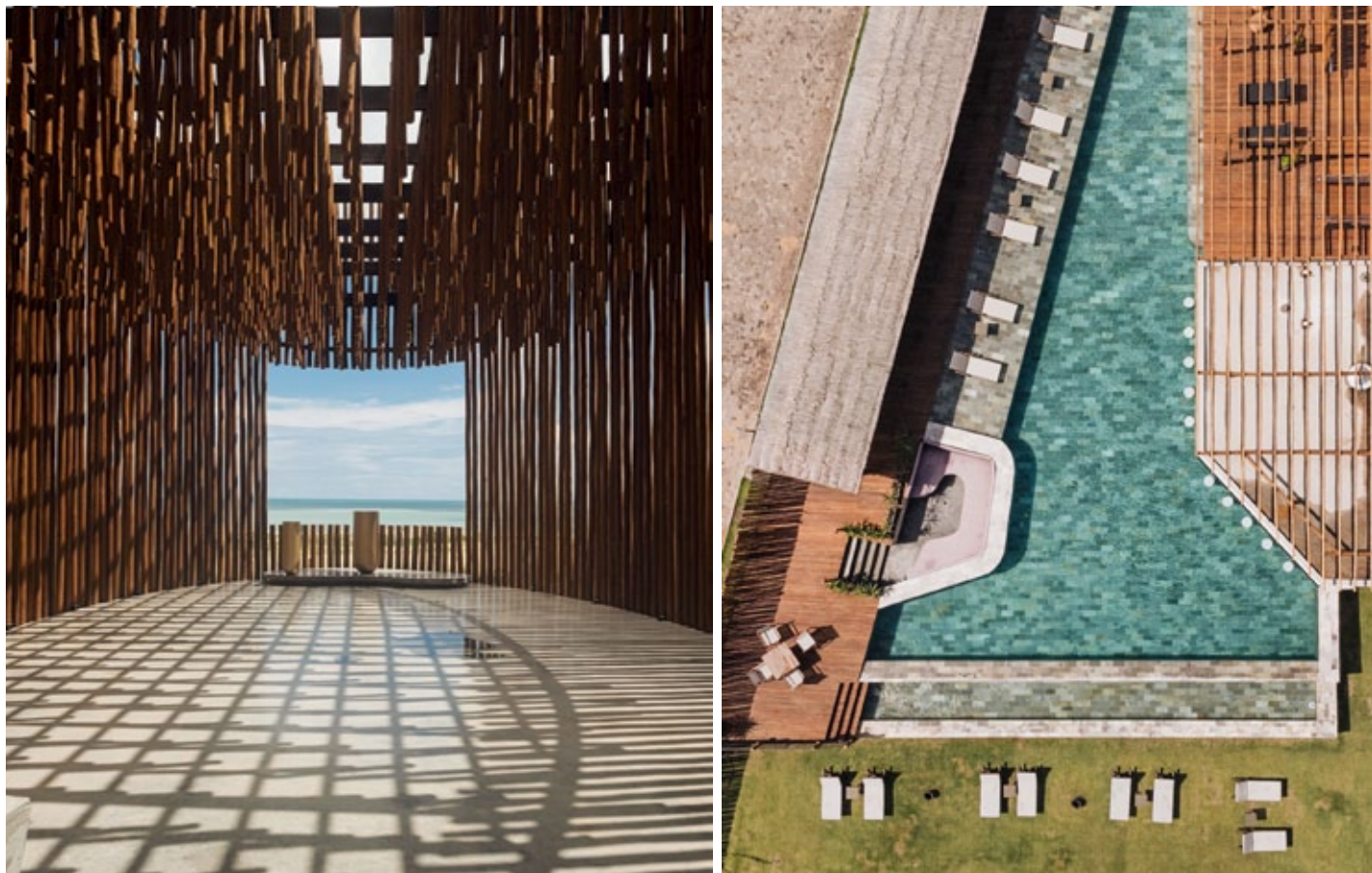
ARTE E NATUREZA ENTRELAÇADAS

A hospitalidade no Nordeste é das mais agradáveis e faz valer o ditado de que “quem faz os lugares são as pessoas”. Criação do estúdio C+Arch, de Celia Fulcher, brasileira de alma portuguesa e arquiteta responsável pelo projeto e pelo design de interiores, o Hotel Nanii surpreende em todas as esferas.

Acima, pranchas de surfe decorativas do Hamsá Ateliê.

Na página ao lado, em sentido horário, o trabalho de bordado das labirinteadas, os geradores de energia eólica que marcam a paisagem da região, um cavalo-marinho e colheita de taboa, na Lagoa do Reduto





Com volumes edificados suspensos sobre um lago natural, com ecossistema próprio e paisagismo baseado em espécies nativas, o complexo envolve uma piscina de pedra itacolomy, o restaurante homônimo, comandado pela *chef* Luiza Hoffman, e o Hana Nui, uma instalação única, de madeira e concreto, com vista para o mar, obra do arquiteto designer Felipe Bezerra (FBA, EMA e Mula Preta).

A sustentabilidade envolve a comunidade local, com o uso de matéria-prima da região, a capacitação dos colaboradores e o trabalho de artistas e artesãos locais, presente nos interiores do hotel.

Precursor do universo artístico da região, o jornalista Emanuel Neri enaltece a arte local em meio a artistas consagrados, como José Roberto Aguilar e Ricardo Brennand, na galeria Sol da Meia-Noite, um núcleo emblemático de diálogo cultural e troca artística em São Miguel do Gostoso.

O Hamsá Ateliê, de Flavio Giannella e Dani Cravo, produz pranchas de surfe decorativas em diferentes escalas e acabamentos exclusivos, presentes em todos os quartos do hotel. Às quintas, sextas e sábados, nos finais de tarde, as labirinteadas se reúnem na praça do Reduto. O labirinto é um tipo de bordado típico dessa região do Brasil, que infelizmente vem se perdendo com a velocidade do tempo.

Embaixo de uma árvore, em frente à igreja da praça, é o momento de prosa e risadas de mulheres cheias de histórias para contar, enquanto bordam ponto a ponto. Ali perto, a Casa do Reduto é o lugar para conhecer mais sobre a arte popular e levar um pouco desse trabalho para casa.

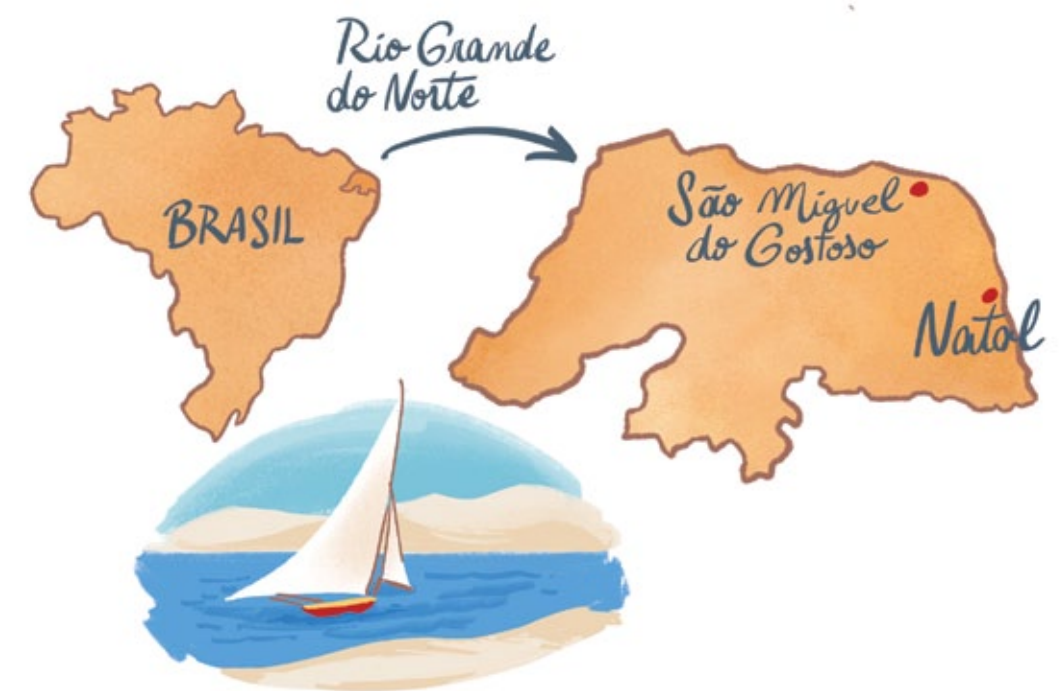
Por fim, mas não por último, a lagoa do Reduto abriga uma grande concentração de taboa (uma planta perene e herbácea abundante na região, e de cuja fibra são feitos bolsas, papéis, cestos e outros itens decorativos). É difícil saber quando e onde a taboa está sendo colhida, mas, se procurar, tente encontrá-la no pôr do sol.

Além de gostoso, Gostoso é humano. 📍

Acima, o espaço Hana Nui, a grande estrela do design do Nani, e a piscina do hotel



Acima, fachada minimalista e o interior de um dos elegantes quartos do hotel



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistauquiet.com.br

CULTURA

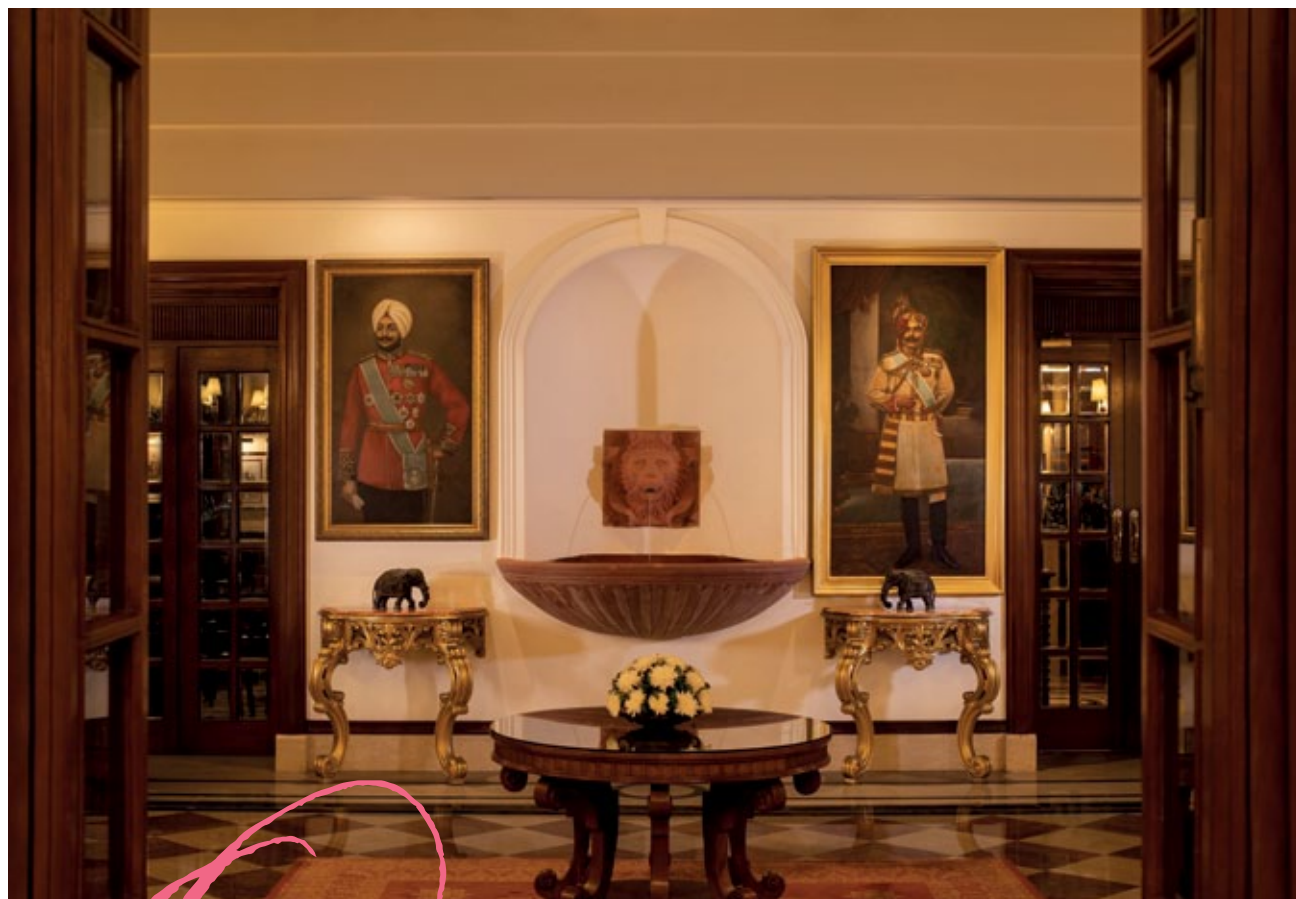
Índia

AUTÊNTICA - O TRIÂNGULO DOURADO

O sol quente ilumina o caminho do roteiro primário na Índia, obrigatório e transformador, que inclui monumentos impressionantes, hotéis singulares, heranças culturais milenares e um cotidiano gentil

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES





Acima, os salões do The Imperial: opulência e art déco. Ao lado, funcionário recepciona hóspedes no mesmo hotel em Délhi

Os carpetes vibrantes do aeroporto nos dão as boas-vindas: chegamos à Índia. Nada discretos, muito menos parecidos com o estilo minimalista do Ocidente, eles introduzem a atmosfera do que encontraríamos nos dias seguintes. É a minha primeira visita ao país e, como uma aprendiz de ioga, não consigo segurar a minha empolgação nem parar os meus pensamentos. Como será o país das castas, das vacas sagradas, dos templos, da sabedoria hinduísta e da superpopulação? Ampliei a minha expectativa limitante e aprendi sobre uma história resiliente, uma cultura complexa e uma percepção calorosa, que vivi em poucos lugares. Uma viagem, em todos os sentidos da palavra, que me surpreendeu do início ao fim.

A Índia é uma terra de contrastes deslumbrantes, às vezes conflitantes, e culturas indestrutíveis, mas mutáveis. O início de sua civilização data de 3300 a.C., no Vale do Indo, sendo considerada uma das mais antigas do planeta. Seus 22 idiomas oficiais e mais de 1,8 mil paralelos mantêm o que há de mais rico atualmente: tradição e fé. Inúmeros invasores tentaram a sua conquista, mas não conseguiram driblar a potente religião hindu, a geografia desafiadora e a resistente diversidade regional, resultando



O templo Hindu Akshardham, em Délhi

em costumes autênticos com algumas influências externas, facetas que possibilitam aos visitantes infinitas possibilidades de se aventurar. Estávamos prestes a entrar em uma máquina do tempo.

É uma viagem que exige planejamento e objetividade. O roteiro foi cuidadosamente redesenhado por Rajiv, o operador de turismo local da 3E Holidays, e o nosso parceiro de viagem. A ideia foi provar todos os sabores da Índia, da história à selva, da gastronomia ao bem-estar, dos palácios às comunidades. Junto com Rachna, uma guia fascinada pela história da Índia e com uma sabedoria infinita, percorremos o Triângulo Dourado, entre as cidades de Délhi, Agra e Jaipur. Ele é assim batizado devido ao desenho perfeito de um triângulo, que se forma no mapa no noroeste do país, e por ser considerado a porta de entrada da Índia, que você vai querer abrir mais vezes.

DÉLHI: A UNIFICAÇÃO DO PASSADO COM O PRESENTE

O começo pela cosmopolita capital da Índia é intrigante. Délhi espelha milhares de anos de história, sendo os últimos 800 anos os mais relevantes, com a evolução de três grandes impérios: o sultanato de

Délhi (1206–1526), o Império Mogol (1526–1857) e o Império Britânico (1858–1947). É a mescla agitada e organizada entre o passado e o presente. Enquanto respira modernidade e poder, com suas longas avenidas de embaixadas, hotéis luxuosos e bairros charmosos, também carrega ruínas históricas e a resiliência do povo indiano, com regiões características, espaços religiosos e influências claras das diversas épocas. Tudo em Délhi é simbólico.

A escolha de nosso hotel, The Imperial, inaugurado em 1936, remete à época colonial, e passear por seus corredores largos é uma viagem à parte. As paredes do antigo palácio são preenchidas por uma coleção de art déco de mais de 5 mil obras, e seus pisos foram palco dos eventos sociais mais importantes da cidade. Inclusive, Gandhi costumava usar os salões do hotel para realizar reuniões. Eu, claro, escolho me sentar à mesa que era declaradamente a sua favorita. Também me delicio no spa, completo e elegante, para ajudar no (con)fuso horário de oito horas e meia, e saboreio a gastronomia autêntica do Spice Route (o arroz com cogumelos é capaz de fazer até o maior dos carnívoros suspirar de tão gostoso).

Os dias seguintes foram de mergulho profundo na cultura da cidade. Para absorver a múltipla



O Mausoléu de Humaium, herança do Império Mogol, construído no século XVI, em Délhi

Em um mergulho profundo na cultura indiana, é interessante observar como tantas religiões convivem e coexistem

espiritualidade, visitamos os templos Hindu Akshardham, relativamente “novo”, cuja construção foi influenciada pelos antigos princípios, Lotus, exatamente a personificação do nome e com uma ampla área reservada para a meditação, e o Bangla Sahib Gurudwara, um templo sikh, que é sinônimo de comunidade e compartilhamento, com suas refeições preparadas por voluntários e oferecidas para 3 mil pessoas diariamente.

É interessante observar como tantas religiões convivem, cada uma com suas características tão marcantes. Para entender melhor a independência e a formação da Índia moderna, caminhamos pelas residências do emblemático Gandhi, onde aconteceu o seu assassinato, e de Indira Gandhi, ex-primeira-ministra, que teve papel fundamental no desenvolvimento do país e foi a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe do governo indiano. Sou muito incentivadora da visita a esses lugares, para cada um poder assimilar os acontecimentos, imaginar a vida real e tirar as suas próprias conclusões. Para entender mais sobre o Império Mogol, reverenciamos o Mausoléu de Humaium, construído no século XVI. Para visualizar o início da civilização hindu, viajamos pelo sítio arqueológico Qutab Minar, e as claras influências de invasão na detalhadíssima arquitetura. Por último, para sentir a verdadeira e atual Índia, subimos em um riquixá e nos aventuramos pela confusão de aromas, sons e bazares da Old Deli.

AGRA: A JOIA DO ROTEIRO

Percorremos a estrada por 230 km, até um dos lugares mais visitados do mundo: Agra. No caminho, observo a decoração dos caminhões, uma mais criativa que a outra. Apetrechos pendurados, pinturas vi-

brantes e escritos em devanágari são símbolos de gratidão, deixando a paisagem de plantações mais alegres. Converso com Rachna sobre as vestimentas das mulheres que vi em Délhi. Ela me explica que cada escolha de roupas e acessórios tem um significado, sejam os piercings, as formas de amarrar os sáris ou a forma de se maquiar, e que se consegue facilmente identificar de qual etnia ou região elas são por meio desses detalhes. Ela, inclusive, se apresenta referenciando o lugar de onde vem.

Além de ser a casa de uma das Sete Maravilhas do Mundo, a cidade carrega outros motivos para a visita. Foi a capital do poderoso Império Mogol durante os séculos XVI e XVII. A hospedagem aqui é unânime. Rajiv escolhe o privilegiado Oberoi Amarvilas, com vista privilegiada para o Taj Mahal. Os jardins, milimetricamente cortados, abrem caminho para a majestosa cúpula de mármore ao fundo. É impossível dormir e não sentir a energia diferenciada que ecoa no ar.

A manhã do dia seguinte é uma das mais aguardadas dos últimos tempos. Se há um monumento sobre o qual eu poderia fazer uso de todos os adjetivos grandiosos, ele é o Taj Mahal. Magnífico, bellissimo, charmoso. Nenhum deles faz jus ao que é a representação da mais linda história de amor. O icônico mausoléu da princesa Mumtaz Mahal vai

se revelando aos poucos ao nascer do sol, com seus segredos e detalhes. Foram 22 anos de construção para dar vida a “ela”, como se referem os indianos ao monumento. Protegido por um jardim de fazer cair o queixo, já que a ideia era o lugar ser a representação do céu, é realmente impactante e vivo.

Seguimos para o Forte de Agra, um monumento importante para o Império Mogol no século XVI, que hoje, além de aberto para a visita, ainda funciona como uma residência de militares. No passado, ele abrigava centenas de alas e palácios, mas hoje é possível apenas recriá-lo na imaginação. Com vista exclusiva para o Taj Mahal, é objeto de lendas que contam que o imperador Shah Jehan, quando deposto pelo seu filho e aprisionado no forte, passava horas admirando sua obra de arte e lembrando de uma de suas amadas.

RAJASTÃO: O DESERTO REAL

O caminho para o desejado Rajastão é longo e tem uma parada estratégica. Fatehpur Sikri, ou a Cidade da Vitória, é uma construção de 500 esplêndidos edifícios de arenito vermelho e foi por 14 anos a casa do grande imperador mogol Akbar, servindo como capital e palácio no final do século XVI. Alas dedicadas ao estudo da astrologia, quartos separados para homens e mulheres e até um elefante, que servia como um guia espiritual, são alguns de seus contos.

Acima, o templo sikh Bangla Sahib Gurudwara e o trabalho de voluntários que preparam mais de 3 mil refeições por dia aos necessitados



Além de ser morada do impressionante Taj Mahal, Agra foi capital do Império Mogol por dois séculos

Um dos ápices da viagem estava prestes a chegar. Segundo Maria Alice, uma das parceiras de viagem, “a maior de todas as surpresas positivas foi me hospedar em um palácio real. Um sonho passar dias em um maravilhoso forte do século XIV convertido com sensibilidade para se tornar um santuário de bem-estar”. Poucas horas de estrada e um trem depois, chegamos ao Six Senses Fort Barwara.

Originalmente propriedade de uma família real do Rajastão, ele impressiona com a qualidade da restauração e o significativo esforço de conservação, integrando dois palácios e dois templos. O design reinterpreta o ambiente gracioso e majestoso de uma época passada, com 700 anos de história. Além de poder desfrutar de toda a experiência de um Six Senses, temos mais um motivo para estar aqui: a tentativa de avistar o animal mais famoso da Índia, o tigre.

O dia seguinte é dedicado a isso. Saímos de manhã em direção ao Parque Nacional Ranthambore, mas não demos tanta sorte. À tarde, as minhas companheiras optaram por experimentar as delícias do spa gigante e acolhedor do Fort Barwara. Mas decido tentar novamente. Sou fascinada por tigres e, até então, nunca imaginei que pudesse ver um na natureza, livre. Mais uma vez, aproveito o tempo sozinha com Rachna para fazer perguntas. Questiono o porquê de a vaca ser considerada sagrada. Ela me explica que foi preciso criar uma explicação espiritual para parar com a exploração em massa do animal.

Algum tempo depois e sem nenhum sinal de que algum tigre apareceria, os guias do safári ficam eufóricos. “Ele vai aparecer”, afirma um deles. Como num passe de mágica, uma tigresa começa a descer a montanha, por entre árvores e arbustos, em busca de frescor. O laranja,

Em Agra, a suntuosa beleza do Taj Mahal ao entardecer. Na página ao lado, as colunas esculpidas do sítio arqueológico de Qutab Minar, em Délhi

O Forte de Agra é um dos mais importantes monumentos do Império Mogol





Erguido com arenito vermelho, o Fatehpur Sikri é uma construção de 500 edifícios da era mogol. No detalhe, tigres no Parque Nacional Ranthambore



misturado com preto e branco, fica tão próximo que é possível observar cada detalhe da rainha da selva indiana. Não consigo conter a emoção e aprecio aquele momento com calma e admiração.

A viagem termina no lugar que ganhou o meu coração: Jaipur, a cidade conhecida por abrigar a história dos glamourosos *maharaja*, os marajás. Quando a Índia se tornou independente, os *maharaja*, que antes detinham o controle político e econômico da região, perderam seus poderes, mas nem por isso deixaram de ter influência. Alguns de seus palácios foram convertidos em hotéis luxuosos e museus deslumbrantes. As escolhas de Rajiv são o The Leela, onde tivemos a sorte de espiar um casamento tradicional indiano, e outro Oberoi Rajvillas, onde aproveito para fazer uma aula de ioga no seu infinito jardim, que abriga mais de 500 pavões

A cidade, rosa e efervescente, respira sua atmosfera de uma época brilhante. Os comércios ainda estão aninhados nas estruturas antigas e são passados de geração em geração. Onde mais pulsa o coração de Jaipur, ou pelo menos onde o meu mais vibrou, foi no Palácio dos Ventos. Trata-se de uma estrutura de 1799, no meio da rua principal, que fazia a alegria das mulheres que viviam no Palácio Real. Isso porque, como eram proibidas de andar em público, elas passavam horas debruçadas em uma das 953 pequenas janelas, decoradas individualmente com pedras, observando as festividades e a vida da cidade sem serem vistas. Além de en-



Acima, em sentido horário, um dos salões do Forte Amber, em Jaipur, ambiente externo ao anoitecer e área da piscina do Six Senses Fort Barwara, uma joia do Rajastão





Acima, os jardins do Oberoi Amarvilas, com vista para o Taj Mahal, uma atração à parte em Agra

vir histórias, assistir filmes e documentários, ler livros, estudar, mas nada se compara a viver as histórias que imaginamos. A Índia me ensinou muito sobre isso. Passear por seu passado e sentir o seu presente me fez ficar apaixonada tanto por ela que já estou com a futura visita marcada. E a sua, quando será? 📍

3eholidays.ae

cantador, é impossível não imaginar a diversão delas em meio às suas restrições de liberdade.

Outras duas atrações valem a visita: o Forte Amber e o Palácio da Cidade. A primeira, situada no cume de uma colina um pouco afastada de Jaipur, foi fundada no século XVI pelo marajá Man Singh I e atuou como a capital do estado. Já o palácio foi o marco da mudança da capital para Jaipur, declarada pelo seu sucessor, o *maharaja* Jai Singh. Por mais que parte do palácio esteja aberta para a visita, ele ainda é usado pela família real.

Viajar não só nos transporta para outras culturas, mas também tem o poder de ampliar a empatia que existe dentro de nós. Podemos ou-



Acima, piscina do Six Senses Fort Barwara



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code.

ARTE

A céu aberto

Ao portfólio de obras geniais, os irmãos Campana adicionaram mais uma de escala monumental, o Parque Campana, recém-inaugurado em Brotas, que reforça o seu olhar artístico e vanguardista, mas sobretudo generoso, para a humanidade.

POR DENISE GUSTAVSEN
FOTOS TUCA REINÉS

O Pavilhão Alberto, em homenagem
ao pai dos irmãos Campana



F

iel a si mesmo, Humberto Campana já cruzou tantas fronteiras mentais, espirituais, criativas e geográficas ao lado do irmão, Fernando, falecido em 2022, que decidiu voltar para onde tudo começou, a cidadezinha de Brotas, no interior paulista, numa dupla cruzada contra rachaduras do passado e em defesa do meio ambiente. Afinal, no lugar em que a dupla nasceu, e, na maior parte do tempo, ele se sentia um peixe fora d'água. Ambos viveram uma infância e adolescência únicas, marcadas pela deliciosa proximidade com a natureza, banhos de rio, sessões de clássicos no Cine São José, viagens intergalácticas imaginárias e invenções mil, com pedaços de bambu, mandacarus, pedras, barro, latas e tudo o mais que estivesse ao alcance das mãos no quintal de casa e arredores, ressignificando

tudo, de materiais a objetos.

Esse início lúdico injetou boas doses de irreverência e lirismo ao espírito dos irmãos, dois dos mais celebrados designers do mundo. “Sou quem eu sou por tudo aquilo”, Humberto não cansa de repetir. Eles fizeram o mundo chorar de emoção graças ao espírito libertário, a um só tempo rural e urbano, local e universal, popular e sofisticado, vindo de lugares imprevisíveis e ditado pela curiosidade inesgotável, exercícios mentais incomuns, além da genialidade artística e humana tão singular. Tudo isso em meio a muita brasilidade, pois desde sempre a dupla esteve atenta à riqueza da cultura e às tradições do nosso país.

Acima, o Pavilhão Alice, feito de concreto, colunas de piaçava e areia, convidam para uma experiência sensorial. No canto superior direito, o Pavilhão JL, com colunas de concreto e agave. À direita, a torre de observação que abriga um altar com imagens do sincretismo religioso brasileiro



As comemorações dos 40 anos do Estúdio Campana incluem a inauguração do parque, que alia arte, ciência e educação



O Pavilhão Fernando (acima e na outra página, à direita) foi construído com tijolos de terracota e pedras locais e tem no centro uma figueira, plantada em homenagem a Fernando Campana. Já o Jardim Denise (abaixo) contém plantas aromáticas, que rodeiam uma escultura de pedra e ferro



PERTENCIMENTO

A pandemia foi o *turning point*. “Eu precisava provar que estava vivo. Tomei consciência que tinha de fazer algo”, lembra Humberto. As viagens a Brotas se tornaram quase uma obsessão. “Eu queria me reconciliar com o lugar onde nasci, onde tinha pertencimento, mas onde sempre me senti isolado.” Lá, ele intuiu, com Fernando, que poderia transformar o sítio herdado da família, de 52 hectares, 26 deles ainda cobertos por vegetação nativa, em um projeto cheio de propósito, capaz de exercer uma influência duradoura sobre o clima e as próximas gerações. “Já dei aula, fiz *workshops* em tantos lugares mundo afora, por que não na nossa comunidade?”, se perguntou na época.

O sonho virou realidade! As comemorações dos 40 anos do Estúdio Campana, em 2024, incluíram a inauguração do Parque Campana, que alia arte, ciência e educação. Os dois irmãos poderiam muito bem ter arrendado a terra para a plantação de soja, como é comum na região, mas as memórias afetivas, o desejo de preservação da natureza e a vontade de melhorar o mundo falaram mais alto e eles uniram forças em torno do plano ambicioso, que em alguns anos deve estar totalmente implementado. “Esse parque é um lugar sagrado, de silêncio, de cura da alma”, reflete o designer, interessado no sentido espiritual das coisas.





A Catedral de Bambu Laura, em homenagem a avó dos irmãos Campana, foi a primeira a ser feita. Espreguiçadeiras de pedra local circundam o espelho d'água, atraindo animais da região

Grandes instalações imersivas e obras de arte a céu aberto materializam o pilar cultural. O sustentável, que abraça a restauração da fauna e flora locais, formada por espécies de Cerrado e Mata Atlântica, irá converter, a longo prazo, áreas de pastagem em florestas naturais. Já o educacional alia os dois anteriores e prevê a difusão de conhecimento. Até agora, já foram plantadas 22 mil mudas e criados 12 pavilhões verdes, inspirados em antigas cidades da Etrúria, região onde atualmente fica a Toscana, o lugar de origem da família Campana. “Eu queria fazer uma ponte entre o Brasil e a Itália”, diz Humberto.

São espaços para aulas de botânica, ioga, palestras, performances de música, dança, arte e contemplação, criados a partir de materiais locais. “A ansiedade é grande, as ideias continuam”, fala Humberto sobre o parque, um organismo vivo, cuja arquitetura é definida pelas plantas. “Quando ando por lá, a minha imaginação se perde, enxergo mil possibilidades. Por enquanto, quero ver as árvores crescerem.”

Oito dos pavilhões já estão prontos, todos receberam nomes que homenageiam pessoas da família do designer e figuras importantes de sua trajetória: o de concreto, piaçava, areia branquinha e clima transcendental é o Alice, e toda vazada, a Catedral Alberto, de toras de eucalipto, joga com efeitos de luz e sombra a fim de promover um sentido espiritual. “Meu pai fez um protótipo de madeira da Catedral de Brasília para uma procissão, depois a peça virou brinquedo para mim e o Fernando”, lembra Humberto. “E essa é a nossa interpretação da famosa catedral de Niemeyer.”

O muro de mandacarus que dividia o lote da família do terreno vizinho, na infância do designer, o inspiraram a criar o Célia (sua mãe) – quando crescerem, as plantas demarcarão um anfiteatro para concertos. Com desenho circular, a estrutura de tijolos vazados e interior pontuado por uma instalação de pedras virou o Pavilhão Fernando. Já a Catedral

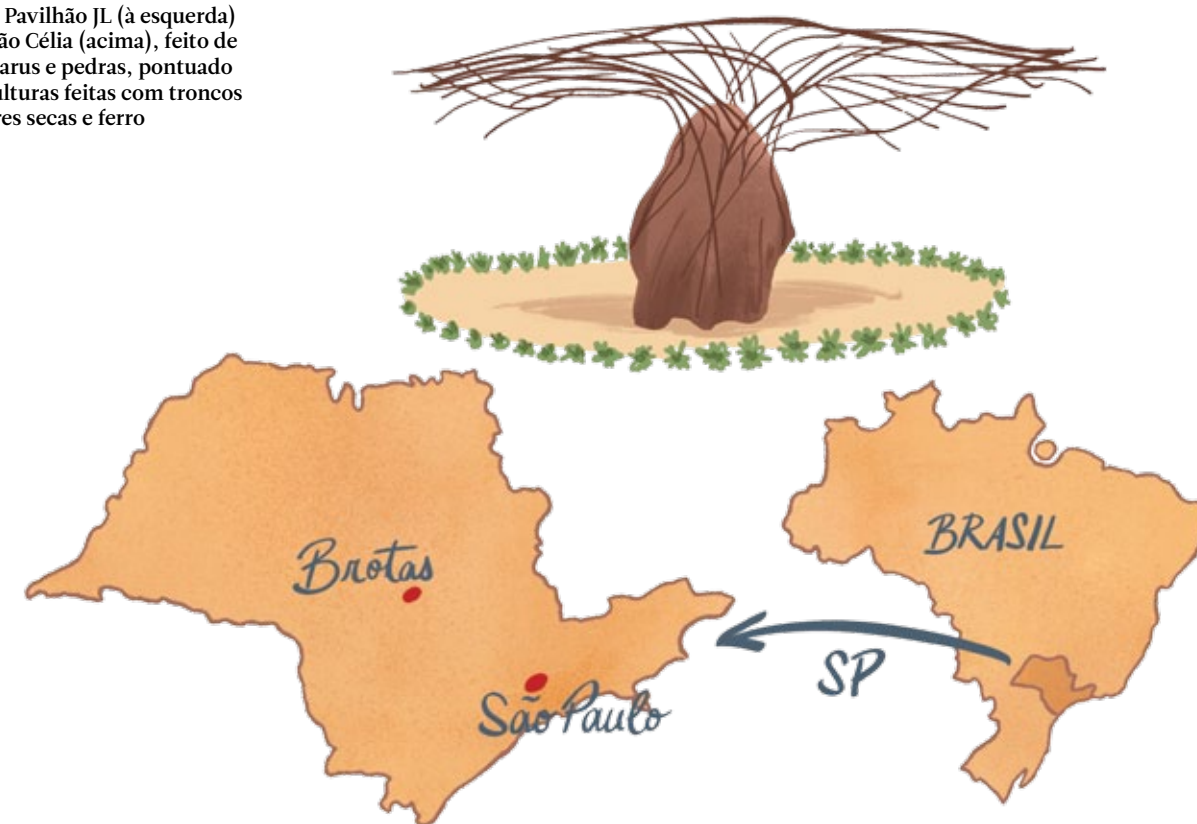


Laura, delineada por um vasto bambuzal, aprofunda a experiência de bem-estar em seu interior, composto de várias chaises-longues distribuídas em torno de um espelho d’água com fonte. O Pavilhão Maria Helena (em homenagem à jornalista Maria Helena Estrada), com cactos-candelabros segue o mesmo mood. Por fim, outras duas instalações de *land art*, uma com agave, batizada de JL, e outra de areia, Jardim da Denise, formam o magnífico conjunto científico-cultural ao ar livre. 📍

parquecampana.com.br



Vista do Pavilhão JL (à esquerda) e Pavilhão Célia (acima), feito de mandacarus e pedras, pontuado por esculturas feitas com troncos de árvores secas e ferro





ESPORTE

PALAU,

o reino preservado de Netuno

A bordo do Four Seasons Explorer, um “resort flutuante” considerado um dos mais luxuosos liveaboard para mergulhadores do mundo, esse paraíso perdido na Micronésia é palco das maiores maravilhas subaquáticas e um exemplo de sustentabilidade

TEXTO CARLOS MARCONDES
FOTOS TODD THIMIOS, JESSE ALPERT E PALAU VISITORS AUTHORITY
FOUR SEASONS



Ao desembarcar no aeroporto de Koror, eu sinto imediatamente a energia das primeiras brisas tropicais saudando a minha chegada. Ali sou imediatamente convidado a assinar um sério compromisso, que ficará estampado em meu passaporte: irei respeitar e agir de forma ecológica e culturalmente responsável, pelo bem das crianças de Palau e das futuras gerações de palauanos. O assunto é sério: Palau foi a primeira nação do mundo a alterar sua imigração em prol da preservação ambiental. Parece simbólico, mas é lei e injeta no visitante uma noção que imediatamente o conectará com a força da natureza e aos habitantes desse paraíso.

O lugar soa fascinante e exótico, mas a realidade é que poucos se arriscam em dizer onde ele se encontra. Trata-se de um micropaís, o quarto menor do mundo em população, com apenas 18 mil habitantes. Suas quase 350 ilhas, que parecem flutuar no oeste do Pacífico, estão em algum cantinho entre o sudeste filipino e o norte da Papua Ocidental. Ser no meio do nada é mais um predicado que o torna surreal.

BAREFOOT LUXURY A BORDO

Lanchas rápidas costumam levar hóspedes para destinos luxuosos em ilhas privadas. No caso de Palau, há um resort à deriva à minha espera: assim, sou carinhosamente recebido por parte dos quase 40 membros da tripulação no deck do Explorer, um suntuoso minicruzeiro (ou megaiate), que durante anos levava mergulhadores nas águas do Índico a Maldivas e que, desde outubro do ano passado, tem navegado soberano na região sul do arquipélago palauano. “O Explorer é a primeira hospedagem de luxo no país. É uma parte que complementa o projeto do resort que o Four Seasons está construindo em Palau, com a inauguração prevista para 2026. A marca tem esta característica: sempre chegar à frente em novos destinos”, conta Ali Shidad, diretor de cruzeiro do *liveaboard* de luxo.

Acima, as
incríveis
Rock Islands,
protegidas pela
Unesco. Na
página ao lado,
o mega iate
Explorer do Four
Seasons diante
da icônica Ilha
Natural Arch



Dezenas de Tubarões no épico Blue Corner, um dos *sites* mais cobichados de mergulho no mundo. Abaixo, o famoso Jellyfish Lake

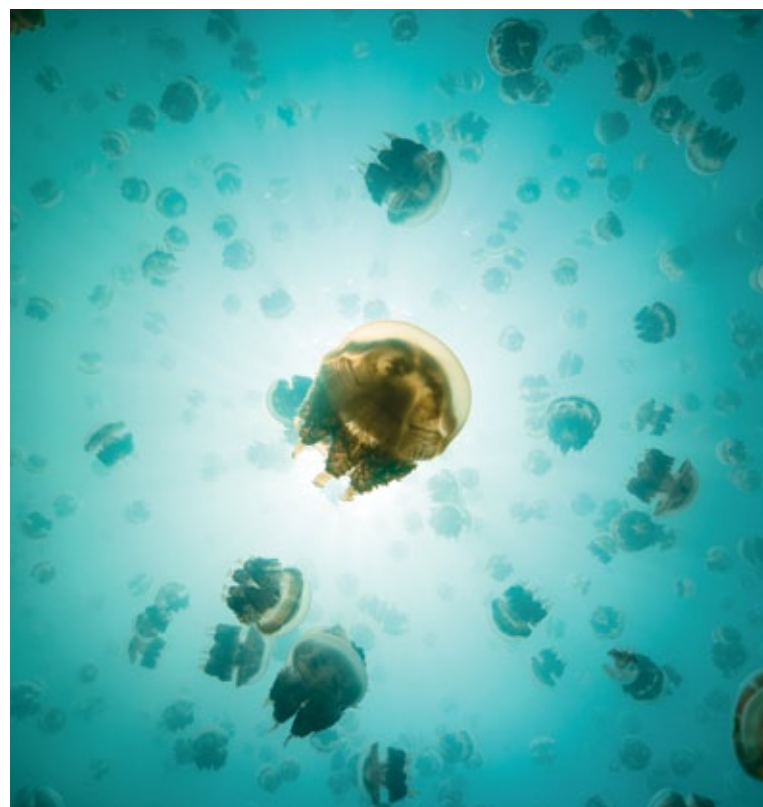


Em sentido horário, *stand up paddle* nas águas calmas de Palau, mergulho com uma arraia-manta no German Channel e um dos naufrágios da Segunda Guerra



Ao embarcar, esqueça os chinelos, pois eles só serão usados nos passeios em terra. A proposta do *Four Seasons* é que o hóspede se sinta em seu próprio iate, relaxado em meio a um cenário exuberante, quase intocado. São apenas dez confortáveis suítes, de 20 m², e uma premium, chamada de Explorer, de 46 m², onde se tem a sensação de poder comandar a embarcação, deitado confortavelmente em uma cama *king size* com vista panorâmica frontal das águas de Palau.

O fato de a ocupação ser, em média, de apenas 15 hóspedes, estimula a percepção do tom de exclusividade e cria uma conexão de amizade bem informal e descontraída com os outros viajantes. Esse carinho também é compartilhado com a tripulação e a equipe de mergulho. Solicitude e sorriso no rosto são marcas rotineiras nos serviços, além de uma gastronomia impecável, com menus diários distintos à la carte, assinados pelo talentoso *chef* Abhay Singh. Há ainda mimos, como a possibilidade de massagens em uma praia isolada e aulas diárias de ioga ao raiar do sol.



SUBMERGIR É PRECISO!

E a excitação é compulsória! Afinal, ao colocar meu rosto na água, em apenas 10 ou 20 m de profundidade, estarei diante de um teatro onde a sinfonia da vida é regida pelos valores da preservação. Esse santuário marinho está na lista de desejos de todo mergulhador não apenas por ser um território de geologia abençoada pelos deuses da tropicalidade, mas porque o homem busca fazer sua parte, na missão de deixar o bioma o mais saudável possível.

Em 2015, o arquipélago impressionou o mundo ao vetar a pesca comercial em 80% de suas águas, em uma área equivalente a 80% do tamanho da França. Mas essa atitude louvável pode estar sendo ameaçada. Circula no governo atual um projeto controverso para reduzir esse percentual, o que na visão de ecologistas seria um triste retrocesso, podendo causar desastres ambientais em uma nação insular vulnerável, que tem sido vítima dos efeitos das mudanças climáticas.

Equipamento regulado: estamos prontos para submergir. A saída dos passeios no *Explorer* se di-

vide em duas lanchas, uma leva os mergulhadores certificados, que é o meu caso. A outra transporta os hóspedes que preferem a experiência de *snorkel* a zonas lindíssimas ou para passeios icônicos, como ao mundialmente famoso Jellyfish Lake, ao banho de lama no Milk Way ou à imponente Cachoeira Ngardmau (a maior do país). Ou ainda para a visita a uma vila palauense para conhecer a cultura de sociedade matriarcal – de mulheres empoderadas – e à tradicional Bai House, uma edificação que funciona como um parlamento, onde líderes de clãs tomam decisões cruciais.

Já na lancha de mergulho, antes de minha estreia nessas águas mágicas, questiono minha anfitriã, Angela Gitaparakasa, que detém o título de *course director* (a mais alta denominação na Padi): por que Palau é tão fenomenal? “Temos aqui uma explosão constante de vida, em uma área pequena em que há de tudo, com corais saudáveis, cavernas, naufrágios, imensos cardumes e uma visibilidade que passa facilmente dos 50 m no *outer reef*. Em apenas uma semana é possível ter uma das mais comple-



A biodiversidade marinha de Palau
é capaz de surpreender até os mais
experientes mergulhadores



Em apenas uma semana em Palau é possível ter uma das mais completas experiências de mergulho do mundo, tamanha a biodiversidade

tas experiências do mundo”, afirma a líder do *Four Seasons*, que possui na bagagem a impressionante marca de mais de 20 mil mergulhos, o equivalente a mais do que dois anos vividos embaixo d’água.

Para ter uma ideia da riqueza de biodiversidade, são mais de 400 espécies de corais duros e 150 de moles, e uma fauna com quase 1,5 mil tipos de animais, encontrados em extrema abundância em mais de 50 sites de mergulho. É também 50 o número de naufrágios, a maioria testemunhos trágicos da Segunda Guerra Mundial, como o *Iro Maru*, um navio de suprimentos japonês, de 143 m de comprimento, considerado uma relíquia, que foi afundado por um submarino norte-americano.

Aliás, os dois países travaram em Palau a guerra mais sangrenta do Pacífico. Foi a famosa Batalha de Peleliu, uma ilha ao sul do arquipélago, onde quase 11 mil japoneses e 1.058 norte-americanos perderam a vida. Um dos passeios do *Four Seasons* inclui a visita aos sites históricos.

De volta à água, nomes como Siales Corner, Big Drop Off, Turtle Cove, Blue Holes e Chandelier Cave – onde fiz meu primeiro mergulho em caverna – estão entre os sites mais espetaculares para submergir. Todos estão ao sul de Koror (a capital econômica de Palau) e nos arredores da exuberante região chamada de Rock Islands Southern Lagoon, onde dezenas de ilhas de calcário, cobertas por mata tropical, são serpenteadas por recifes de corais e pela maior concentração de lagoas marítimas da Terra. Esse bioma endêmico é completamente protegido (é proibido desembarcar nas ilhotas) e é um Patrimônio da Humanidade, resguardado pela Unesco.



Acima, uma das praias isoladas e intocadas no roteiro do cruzeiro, e ritual de um clã palauense em frente a uma Bai House (espécie de parlamento)



Acima, a profusão de espécies, entre peixes, corais e moreias, em cores e tamanhos diversos são a grande atração dos mergulhos



TRÊS TENORES

Em uma pesquisa das listas de mergulhos dos sonhos mais icônicos na internet, certamente três nomes de Palau estarão presentes. Talvez o principal seja o Blue Corner, onde o convite é se enganchar, com extremo cuidado, próximo aos corais para ficar de camarote, admirando o espetáculo das correntes (às vezes forte), que trazem nutrientes e vida em abundância, com dezenas de tubarões-cinza (contei cerca de 50), os gigantes peixes-napoleão (de até 2 m), cardumes de barracudas, nuvens de milhares de *jack fishes* e pargos, além de tartarugas, arraias, todos desfilar para o meu deleite. Foi mágico, e um privilégio!

O German Channel é outra menina dos olhos de Palau. É conhecido mundialmente por ser o palco das chamadas “estações de limpeza” das arraias-manta, onde os pequeninos bodiões abraçam a missão de livrar os gigantes de seus parasitas. O canal, aberto pelos alemães em 1908 a fim de facilitar a passagem de barcos, se transformou em uma avenida azul, onde desfilam enormes cardumes e um festival de tubarões. Vale destacar que o país foi o primeiro do mundo a criar, em 2009, um santuário específico para esses peixões, que aqui vivem em perfeita harmonia.

O terceiro site estelar foi o destino de meu penúltimo mergulho no éden. O Ullong Channel é reconhecido como um dos mais sublimes *drift dives* dos sete mares. Saí dele enfeitiçado! A promessa de Ângela se fez, mais uma vez, real. Em 52 minutos submerso, a minha alma entrou em êxtase.

Novamente, um festival de cores, dos célebres moluscos gigantes de Palau e de corais saudáveis, que atraem incontáveis atores que circundam esse canto da Micronésia. Fomos agraciados com o “balé da retaguarda”, no qual milhares de *jack fishes* tentavam enganar uma barracuda marota, dançando por trás dela como uma estratégia de proteção, já que o predador não tem a mesma agilidade para girar e abocanhá-las.

Acima, vista do mar límpido e calmo. Na página ao lado, a *Explorer Suite* de 46m²



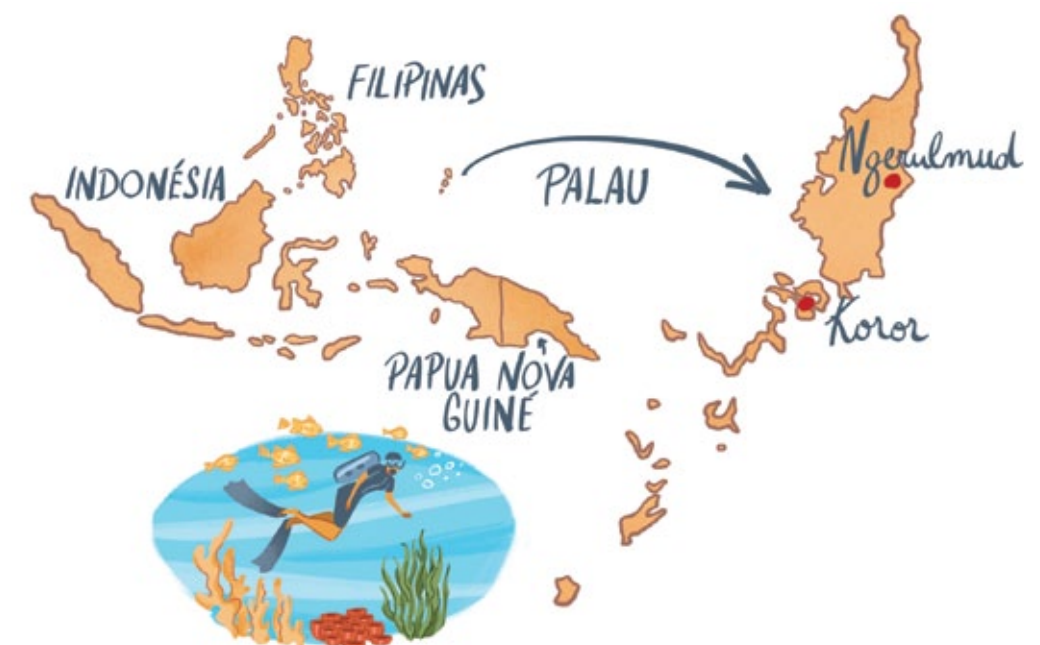
Mais à frente, seguindo a corrente, entramos em um jardim que parecia o mundo de *Avatar*, com centenas de garoupas, de múltiplas cores, algumas delas com semblantes mal-humorados, sempre próximas a abrigos que outrora escondiam as não tão simpáticas moreias. O cenário ainda era encantado com a passagem de um bebê de arraia-águia, um pequeno polvo e inúmeros tubarões-galhas-brancas – cidadãos comuns em vizinhanças repletas de corais.

Se essa abundância de vida e movimentos já não bastasse para me encantar, fui agraciado por Netuno como a testemunha de uma cena raríssima. Em um mergulho no qual o desafio era ter que escolher para onde olhar e filmar, com tanta natureza pulsando, decidi mirar minha lente para o suave nadar

de uma tartaruga-de-pente. Eis que ela começa a ir em direção à minha tutora, Ângela.

De repente, ela avança por cima da mergulhadora, em um movimento inimaginável. Ela então abaixa em direção ao rosto protegido com a máscara, troca um rápido olhar de ternura e concede um especialíssimo beijinho, como se fosse um afago ou uma bênção, um ato que celebra uma relação de confiança mútua.

Essa interação inusitada foi um presente para Ângela e para mim, que assisti (e registrei) emocionado. A cena singela é simbólica: o beijinho da paz nas águas de Palau mostra que, ao tratarmos a natureza com o máximo respeito, nos tornamos parte de uma harmoniosa simbiose. Em Palau, o carinho contagia! 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

BEM-ESTAR

Paris

A magia de pausar em

A UNQUIET mergulhou na experiência wellness de dois hotéis-palácios na capital francesa, Le Meurice e Plaza Athénée, onde a tradição e a tecnologia de ponta se encontram para transformar o corpo e a mente

POR LUCIANA LANCELLOTTI





Acima, uma das suítes voltadas para a Torre Eiffel e as emblemáticas escadarias do Plaza Athénée. Na página ao lado, a fachada e detalhe da decoração opulenta do mesmo hotel

Paris e suas esquinas cheias de histórias, suas ruas que respiram cultura... Um convite à exploração sem fim. E lá estava eu, hospedada no Plaza Athénée, respirando moda e elegância, exaladas pela própria localização do hotel - a Avenue Montaigne, o lar de gigantes da alta-costura, como St. Laurent e Chanel. Apesar da imponência de estar rodeado por um quê de realeza da moda, há algo singularmente convidativo no hotel e, conseqüentemente, em seu spa, o primeiro da Dior, fundado em 2008. Uma façanha, porque, vamos ser sinceros, nem toda elegância se traduz em acolhimento, certo?

A sofisticação é quase palpável, desde o início. Com ambientes dominados por branco e cinza, num toque moderno, que reverencia o minimalismo, o Dior Spa ficou ainda mais interessante após sua recente renovação: ganhou tratamentos exclusivos, aliados a cinco salas individuais (uma para casal), *hamman*, sauna e uma suíte com terapia de luz, com um teto de LED, que reproduz os raios de sol. Naquela atmosfera, antes mesmo de mergulhar no universo



de cuidados da Dior, fui presenteada com um pequeno ritual: um Glow Shot - pense numa poção mágica, um elixir fresco, que funde água de rosas, flor de cerejeira, colágeno e acerola, percorrendo o organismo, despertando cada célula em antecipação.

Já instalada na sala de tratamento, a cama de massagem, revestida de tecidos brancos de algodão macio, capturou a minha atenção com uma frase de Christian Dior, bordada com fios cinza: "Au fond d'un coeur sommeille, toujours un rêve" ("Em algum lugar, no fundo do coração, reside um sonho à espera de despertar"). Era o *insight* de que tudo ali, da atmosfera ao atendimento, estava impregnado pela essência da Maison Dior: atenção meticulosa aos detalhes, mãos gentis, guiadas por técnicas aprimoradas, e uma sofisticação digna dos contos de fadas contemporâneos.

O tratamento escolhido, o Kobi-Dior, prometia ser uma ode ao fascínio facial. A jovem e gentil terapeuta, Louise, começou a sessão com a limpeza da minha pele, seguida de tonificação. A delicadeza dos movimentos induziu a um estado de relaxamento profundo. Com os gestos, ela ajustava sua prática à antiga arte do *kobido*, uma massagem

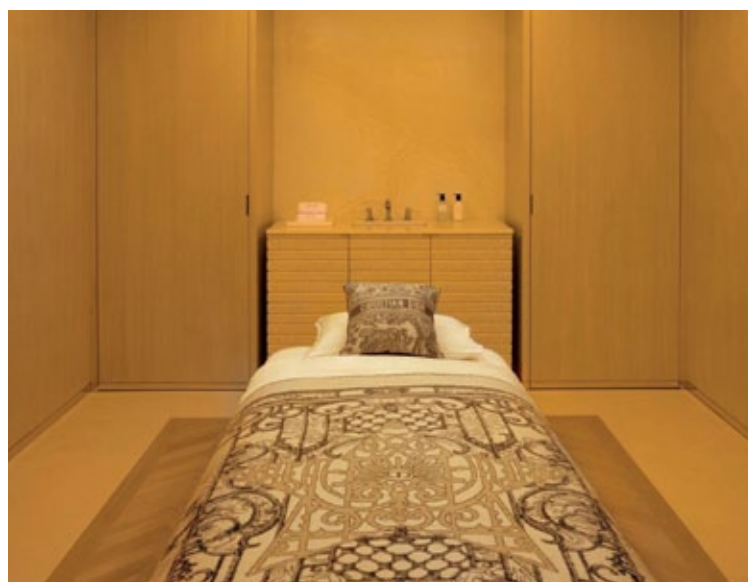
facial ancestral que previne e reduz os impactos do envelhecimento.

Os movimentos rápidos e rítmicos, com técnicas de acupressão, começaram pela testa, o epicentro das minhas preocupações cotidianas. Em questão de minutos, senti o nó da tensão se desmanchar. As manobras certas seguiram para as bochechas, despertando a circulação e chegando à mandíbula e ao pescoço. Cada toque desfazia um pedacinho do peso acumulado ali. O ritmo do tratamento era ditado pela alternância das temperaturas (quente e gelada) e das texturas (sedosa e esfoliante), intercaladas pela ação da luz LED vermelha, que agia sobre a pele em silêncio, enquanto minha mente flutuava, em algum lugar entre o relaxamento e a contemplação existencial. Era como se a pele recebesse um tratamento de rejuvenescimento, enquanto a mente seguia um processo similar de purificação. Um mix de cuidados *high-tech* e toque humano.

Ao término da sessão, Louise abriu um sorriso e ergueu um espelho diante do meu rosto, mostrando o famoso efeito "uau" - um brilho radiante, um viço renovado e genuinamente transformador. Ela ainda me ofereceu pequenos mimos, dois *amuse-bouches*,



Acima, em sentido horário, o exclusivo e moderno La Maison Valmont, spa do Le Meurice, a delicadeza de um dos pratos e os salões do restaurante Le Dali



Acima, em sentido horário, ambiente de relaxamento do Spa Dior, o Glow Shot, servido antes dos tratamentos, e sala de terapias

que literalmente adoçaram o momento: um deles era uma gota gelificada e refrescante de aloé, e o outro, um biscoito de chocolate com caramelo, porque ninguém é de ferro.

Não foi apenas uma questão de cuidados com a pele, mas uma experiência holística, em que corpo e mente foram tratados com igual importância, um momento de rejuvenescimento completo dos sentidos. Tal como a alta-costura que o cerca, o Plaza Athénée tem um estilo próprio de deixar seu legado: uma elegância que se traduz para além da aparência. Cada detalhe, do ambiente ao tratamento, parece orquestrado para lembrar que não se trata apenas de exclusividade, mas da capacidade de oferecer bem-estar e renovação de dentro para fora.

LA MAISON VALMONT POUR LE MEURICE

Na segunda parte da minha estada em Paris, me hospedei no Le Meurice, um colosso histórico de elegância, que se ergue majestosamente diante do Jardin des Tuileries, quase flertando com o Louvre. Após dias me lançando de corpo e alma na cidade, meu ritmo pedia trégua. Foi por isso que uma massagem californiana no spa da Valmont, cravado no coração do hotel, me chamou. Respeitada pelos tratamentos de alta cosmetologia, a grife suíça tem apenas 12 spas no mundo – e eu estava prestes a me entregar aos cuidados de um deles.

O hotel também abriga a boutique da marca, no andar térreo, acessível pela Rue de Castiglione, que, como o spa homônimo, é aberta a não-hóspedes. A loja tem o brilho típico de uma joalheria de alto calibre, pontuada por obras de arte selecionadas pela Fundação Valmont. Nas vitrines do espaço, idealizado por Didier Guillon, linhas de maquiagem, tratamentos para o rosto e perfumes desenvolvidos por Sophie Vann Guillon são expostos como raridades, à espera de serem descobertas por quem entende seu verdadeiro valor.

DIA D

Minha manhã prometida à desaceleração não começou como o previsto. O plano era um revezamento elegante entre um café da manhã, cedinho, no cenário opulento do restaurante Le Meurice Alain Ducasse. Então eu atravessaria a rua para uma caminhada pelo Jardin des Tuileries e visitaria algumas perfumarias que cercam o hotel – Jovoy, Serge Lutens e Diptyque –, antes de retornar e mergulhar na experiência do spa. Mas o corpo falou mais alto e a cama me reteve



Não foram apenas cuidados com a pele, mas uma experiência holística



Acima, em sentido horário, área de descanso, sala de tratamento e terapia facial na Maison Valmont, no Le Meurice. Na página ao lado, sala de banho da suite La Parisienne

A possibilidade de uma massagem entre dois banquetes me deixou intrigada: como seria? A terapeuta, Prathma, captou a minha ansiedade e prometeu adaptar cada movimento às peculiaridades daquela manhã corrida, garantindo um atendimento tão personalizado quanto acolhedor. Ela me ofereceu um chá gelado, que prometia limpar meu organismo enquanto refrescava a minha garganta e a alma. Aceitei prontamente. Também preenchi um formulário de saúde (uma ligeira formalidade) e fui conduzida ao meu santuário particular: a sala de tratamento, onde Paris se despediu temporariamente de mim. Como quem revela um tesouro escondido, a adorável terapeuta me introduziu ao seu leque de óleos essenciais. Lavanda e flor de laranjeira brilhavam como estrelas em uma galáxia aromática, mas foi a verbena, com seu perfume puro e fresco, que pareceu perfeita para o momento.

No calor acolhedor da mesa de massagem, senti meu corpo se abandonar à sensação de segurança – o prólogo perfeito para os 60 minutos de uma massagem que prometia e entregava um estado de serenidade completa. Os movimentos da terapeuta eram como uma coreografia fluida: o óleo de verbena, com suas notas cítricas e herbais, era o elemento conectivo, aplicado com uma pressão que sabia ser firme, sem nunca se impor.

em seus braços por mais tempo. Resultado: café da manhã tardio, spa logo em seguida e um almoço que me esperava a galope. A massagem relaxante dos sonhos, de repente, se espremeu na minha agenda, como o recheio de um sanduíche inesperado. Com essa leve tensão, de quem está prestes a se entregar a um relaxamento dos deuses de olho no conta-gotas do tempo, me vi pisando hesitante no spa, ainda que envolta pelos tons relaxantes de azul e verde, que decoram seus 340 m².

O cerne da sessão era desatar os nós de tensão, tecidos após longos dias de exploração urbana. E assim foi feito. Cada gesto da massagem desfazia os laços de cansaço, permitindo que a calma tomasse seu lugar. Com sensibilidade aguçada, Lathma se adaptou à condição do meu corpo recém-alimentado, me permitindo mergulhar em cada segundo daquele cuidado sem o menor sinal de desconforto. No fim, o peso do mundo parecia ter sido retirado de meus ombros, me deixando em um estado de leveza e gratidão.

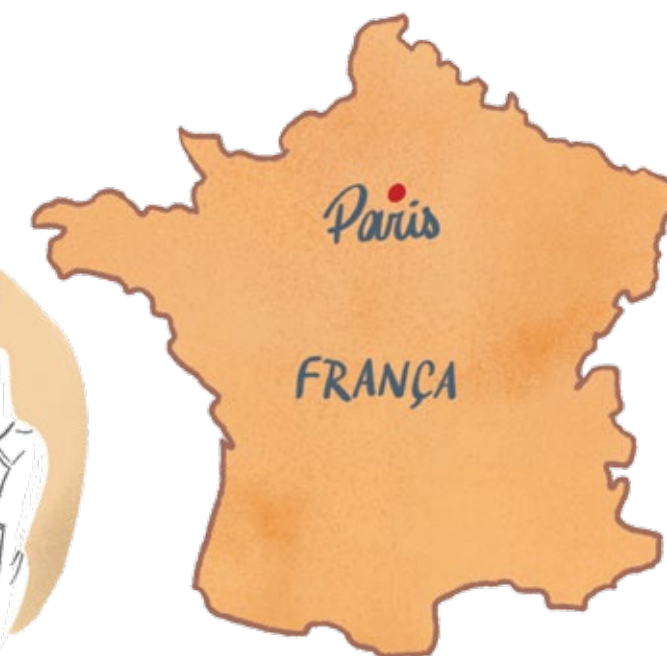
BOLHA DE TRANQUILIDADE

Terminado meu tratamento no Le Meurice, refleti sobre as experiências nos dois hotéis. Se o Spa Dior do Plaza Athénée me apresentou o glamour como uma vertente do bem-estar, o Valmont me inseriu em uma experiência de serenidade plena, com a sua atmosfera intimista. Esse nirvana tem altos padrões, sobretudo no cenário dos hotéis-palácios parisienses, onde hóspedes exigentes estão acostumados a tratamentos de alta performance. Eles esperam ser surpreendidos, e os dois hotéis sabem como corresponder a essa expectativa com maestria. Após o ritual, era como se eu estivesse em minha própria bolha de tranquilidade. Almocei moderada e deliciosamente e voltei à vida lá fora, pronta para encarar mais descobertas na cidade, com energias renovadas. Afinal, esta é a magia de Paris: ela nunca acaba. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



C6BANK

APRESENTA

PROUDLY

Bangkok

uma diva asiática

A vibrante capital da Tailândia tem uma vida noturna agitada e uma cultura milenar acolhedora, que se estende aos visitantes LGBTQIAPN+

POR ERIK SADAQ

As ruas coloridas contrastam com o trânsito caótico, em que motocicletas, tuk-tuks, carroças puxadas por cavalos e até elefantes convivem em harmonia. Os templos seculares dividem espaço com alguns dos shoppings mais luxuosos do planeta, enquanto restaurantes, mercados de rua e quiosques oferecem, por todos os cantos, pratos que constam na lista de qualquer viajante *foodie*. Unanimidade entre os visitantes, Bangkok é surpreendente e tem se consolidado como um dos principais pontos turísticos para viajantes LGBT de todo o mundo.

A hospitalidade tai é amplamente conhecida. A inconfundível saudação com as duas mãos na altura do peito, comum nos lugares de herança hinduísta e budista, deixa claro o enorme respeito entre todos. Se as praias desse extenso território sul-asiático compõem o incontestável retrato de um paraíso tropical no Oceano Índico, a capital tailandesa se firma como um destino cosmopolita ideal, com vida noturna agitada e uma cultura resistente, presente tanto nos lugares sagrados quanto em bares e clubes, onde a atmosfera de acolhimento e liberdade deixa a sua marca nos visitantes.

INCLUSIVO E COOL

Seguindo os passos da Índia, que em 2017 descriminalizou a homossexualidade, a Tailândia, sempre conhecida pela tolerância, deu um passo histórico ao se tornar o primeiro país asiático a permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo. O principal território do sul da Ásia se fortaleceu ainda mais como um destino progressista e inclusivo. Esse avanço jurídico reflete a evolução de uma sociedade que, apesar de seus desafios e de sua cultura ancestral, continua a ser um modelo de aceitação para outros países da Ásia e do mundo. A nova lei, que garante aos casais LGBT os mesmos direitos de casais heterossexuais, trouxe esperança, segurança e, claro, ainda mais motivos para que a comunidade local continue a festejar.

SILOM, O DISTRITO LGBT MAIS FAMOSO DA ÁSIA

Bangkok é lar do lendário Silom, o bairro LGBT mais animado da Ásia. De todas as capitais que conheço no continente, incluindo bairros gays das ultramodernas Hong Kong, Tóquio e Seul, nada se compara à fervorosa que emana de Silom. Entre as pequenas ruazinhas Soi 2 (com bares e boates para os festeiros) e Soi 4 (com cafés mais calminhos), a vida noturna, resistente ao inverno e às monções, é festejada diariamente em bares e clubes ao som de DJs internacionais, noites temáticas e concorridos shows de drag queens, incluindo muitas participantes da edição local de Drag Race.





Acima, em sentido horário, casal celebra a permissão do casamento entre pessoas do mesmo sexo na Gay Pride de Bangkok 2024, performance no House of Heals e a pista bombando no The Stranger Bar

Acima, o Rio Chao Phraya com o templo de Wat Arun ao fundo

O Telephone Pub & Restaurant é um dos bares mais conhecidos na Silom Soi 4, com uma *vibe* casual e assentos ao ar livre, perfeitos para observar os passantes ou conversar com os amigos. Localizado no segundo andar do mesmo prédio, o Balcony Bar é recomendado para quem busca drinks elaborados com vista para o movimento da rua. Nele acontecem noites temáticas de cabaré e karaokê, uma paixão que une toda a Ásia.

Um dos principais destinos da Silom 4 é o The Stranger Bar. Conhecido pelas apresentações de drags e noites temáticas, ele é um verdadeiro centro de criatividade e cultura LGBT. Mais tranquilo é o BAS Living Room, ideal para começar a noite com coquetéis criativos e uma atmosfera relaxada. Pangina Heals, a drag queen mais famosa da Tailândia, é proprietária do House of Heals, o bar mais elegante do bairro, com um interior sofisticado e performance de drag superstars. O ponto forte dele é atrair um número grande de moradores locais, de todas as sexualidades e gêneros, para seus concorridos shows.

Quem busca uma viagem na cena gay tailandesa deve dar uma passada no Tawan Bar, onde musculosos go-gos asiáticos dançam a noite toda, tanto no palco quanto no balcão do bar. Na Soi 2, o club G Bangkok, com sua pista espaçosa, é para onde os frequen-

tadores dos bares migram após a meia-noite. Com DJs reconhecidos internacionalmente e festas temáticas, tornou-se um ícone da noite moderninha da cidade.

SUKHUMVIT E A EXPANSÃO LGBT DE BANGKOK

No começo dos anos 2000, quando estive em Bangkok pela primeira vez, o Sukhumvit praticamente não existia. Ao longo das duas últimas décadas, o novo distrito financeiro da cidade ganhou hotéis de luxo, shoppings e animados mercados noturnos. Não demorou para que ele se tornasse um *point* LGBT, com uma variedade de bares e clubes que refletem a metamorfose da capital tailandesa.

Pertinho do Asok, o lar de alguns dos maiores arranha-céus da cidade, o The White Rabbit é cada vez mais popular entre os jovens executivos da área e visitantes, com seu interior elegante e ambiente animado, claro, por shows de drag. Escondido na Soi 11 está o Check-In Bar, com ótimos drinks e boa música – perfeito para um coquetel antes da balada ou uma noite de papo com os amigos. A equipe é diversa e reflete a multiculturalidade de Bangkok. Também meio escondido está o Fake Club – The Next Gen, uma jovem instituição na cena queer de Bangkok. Com música pulsante e performances de drags, ele costuma atrair uma multidão nos finais

sexual e de gênero, tem uma cultura que valoriza o respeito e a liberdade individual.

Bangkok também se destaca por eventos culturais que celebram a diversidade, como a Bangkok Pride. Nos últimos anos, a parada cresceu em popularidade, firmando-se como um símbolo de tolerância e aceitação. Assim como em centros do Ocidente, a Bangkok Pride conta com a presença de muitas famílias e apoiadores. A cidade também é conhecida por sua comunidade drag megatalentosa, que brilha em shows exuberantes e concorridos, em clubes dedicados a todos os gêneros, e não somente aos da sigla LGBT.

Em um cenário mundial em que a igualdade ainda é um ideal a ser alcançado, Bangkok se destaca como um farol de progresso, combinando sua hospitalidade calorosa milenar com políticas que promovem a inclusão e a igualdade. Para quem busca um destino onde a celebração da diversidade é constante, Bangkok é, sem dúvida, uma escolha imperdível. 📍

de semana. Já no G.O.D. (Guys on Display), os baladeiros se dividem entre uma pista pop e outra de house mais pesado, ambas muito populares.

A cena LGBT de Sukhumvit está em plena expansão e, à medida que cresce, torna-se um destino imperdível para quem busca explorar a diversificada vida noturna da cidade.

VOCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

Apesar da vasta oferta de lugares assumidamente queer, a experiência LGBT em Bangkok vai além da vida noturna. A Tailândia, conhecida por sua longa tradição de aceitação da diversidade



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



ENSAIO

As Grandes Guardiãs

*Kity Ramos dá rosto e voz a mulheres de diferentes etnias
e culturas por meio de um ensaio potente*

Aldeia Kayapó Kunbenkrânkej,
Pará



Tribo dos Gabra,
norte do Quênia



Mercado de Chatikona,
Odisha, Índia



Tribo Turkana,
Loyangalani, Quênia





Aldeia Pokot, Quênia

A curiosidade aguçou o talento de Kity Ramos. Ela sempre gostou de estar na natureza e, sobretudo, vivenciá-la em sua plenitude. “Passei a infância em uma fazenda no interior de São Paulo. Crescer por lá me fez ter uma ligação muito forte com a natureza. O gosto por tradições culturais, festas populares e artesanato também veio dessa época da minha vida”, conta ela, que descobriu também nesse meio sua vocação e sua paixão. “Sempre gostei de fotografar, mas foi depois de uma viagem para o Xingu, com fotógrafos, e em seguida para Kerala, no sul da Índia, que a fotografia aflorou em mim como uma forma de me conectar com as pessoas e os lugares independentemente das barreiras linguísticas”, explica.

Seu interesse em vivenciar diferentes realidades e registrar a vida em comunidades, culturas tradicionais e ancestrais, identidades intocadas nos lugares mais remotos – e muitas vezes inóspi-

tos – do planeta também motivou e inspirou sua série de retratos com mulheres pelo mundo. “O trabalho de fotografar diferentes etnias surgiu do meu interesse em capturar a diversidade cultural e a força feminina que se expressa de maneiras distintas ao redor do planeta. Elas são as grandes guardiãs de suas culturas e é importante dar voz às suas histórias, mostrar os diversos papéis que desempenham em suas comunidades, bem como a força que têm para lidar com a adversidade. Fotografá-las é uma experiência transformadora, um grande aprendizado sobre empatia, cuidado e resiliência”, diz Kity sobre a impactante série que você vê nesta edição.

Com muito ainda por fotografar e viajar pela frente, Kity hoje divulga seu trabalho pelo perfil @kityramosphotos e planeja fazer um livro com imagens de povos tradicionais, cujo objetivo é mostrar um entendimento da história da humanidade que vem se transformando e, assim, conectando hábitos, arte, danças e rituais. “O trabalho fotográfico pode ajudar a preservar a riqueza das diversas tradições que nos fazem ser quem somos hoje”, diz. 📍

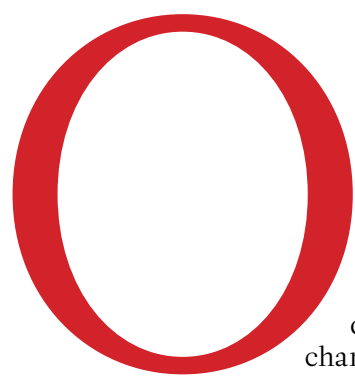
GASTRONOMIA

Um Planeta Chamado China

Uma nova realidade, cheia de descobertas, costumes e valores, vai fazer você entender – e se apaixonar – pelo outro lado do mundo

POR FABIO PORCHAT





outro lado do mundo... Uma vez na China, você percebe que essa frase depende muito do ponto de vista. Ao pousar em Pequim, o outro lado do mundo virou o Rio de Janeiro. Em termos geográficos, lógico, mas também culturalmente. A China é uma potência, um império que já dura milhares de anos, e o que acontece por lá tende a não viajar e desembarcar desse outro lado do mundo chamado Brasil. São poucas as nações de tamanho maior que a nossa. Muitas vezes, falamos por aqui que temos um país de proporções continentais, que cada região tem sua própria cultura, sotaque, comida, belezas naturais. Seria cômico se um estrangeiro dissesse pra você: “Claro que eu conheço o Brasil. Já fui a São Paulo e Curitiba”. Amigo, pra conhecer o Brasil você precisa, no mínimo, de um ano. E, ainda sim, vai faltar coisa.

Pois lá estava eu em Pequim, a “São Paulo deles”, pensando: pra conhecer a China, eu preciso de uma vida! E já adianto que 90% de tudo o que chega pra nós de informação não tem sentido, lógica ou contato com a realidade atual. Medo, preconceito, dúvidas? Pode deixar tudo isso na sala de embarque de Guarulhos e viaje de cabeça aberta. Não crie expectativas pelo que você ouviu dizer e forme sua opinião por lá!

Ao lado, o intenso movimento no mercado noturno de Donghуamen e o skyline futurista de Pequim. Na página ao lado, a Cidade Proibida, antigo palácio imperial, com as luzes da capital chinesa ao fundo

FALHA DE COMUNICAÇÃO

Tudo na China é monumental. Dos templos às ruas, da população ao trânsito. Curiosamente, apesar do seu mais de 1 bilhão de habitantes, em nenhum momento me senti tomado pela multidão. Tudo é muito organizado, funcional e dentro das regras. Não quero debater neste artigo os porquês políticos disso. Só quero relatar aquilo que senti. A insegurança é algo que nem passa pela cabeça de quem caminha pelas ruas chinesas. A maior dificuldade que você vai encontrar é em se comunicar. E até mesmo as mímicas a que estamos acostumados não encontram eco naquele povo. Baixe qualquer aplicativo de tradução em seu celular para uma comunicação mínima. Celular pega e pega muito bem. Você consegue acessar tudo.

O povo chinês (pelo menos nos grandes centros que visitei) é um povo receptivo. Ele se esforça pra nos ajudar, pra você se sentir bem na terra deles. Tenta de todas as formas entender o que você quer falar ou mostrar. Foram 20 dias de muitas descobertas, muitas aventuras e muita caminhada. Muita. Lá tudo é longe. Uma volta no quarteirão leva meia hora. De bicicleta. Prepare suas pernas! Mesmo que no mapa pareça perto, eu garanto: é longe. O que quer que seja. É sempre necessário um táxi.



Impressionantes arranha-céus marcam a paisagem de Shanghai. Abaixo, o tradicional *bao*, pão chinês cozido no vapor

TUDO NOVO

Nossa primeira morada foi o delicioso The Opposite House, em Pequim. O hotel é novinho em folha, com design premiado e restaurantes estrelados, entre eles o badalado Jing Yaa Tang, de cozinha tradicional cantonesa servida em versão moderna, e o italiano Frasca, supercharmoso. Localizado ao lado de um polo de lojas e restaurantes, foi o lugar perfeito para começar a viagem. Se quiser comer bem, uma boa dica é o tradicional Dadong: um dos mais reconhecidos restaurantes de Pequim, famoso pelo seu pato de Pequim, repetidamente citado entre os melhores do mundo pela crítica especializada. Se quiser estrelas *Michelin*, o Xi Rong Ji é elegante e descolado e tem o menu dedicado à cozinha cantonesa, com destaque para o ensopado de pato com peixe e taro, além de outras especialidades do Mar Oriental.

Os primeiros dois dias na China são fundamentais para nos ambientarmos nesse “novo planeta”. Tudo é diferente daquilo a que você está acostumado. Locomoção, pagamento, cartão, comunicação, hábitos, dia a dia. Almocei no próprio hotel e saí para visitar o Palácio de Verão por conta própria. Dica: não faça nada com pressa. A pressa é inimiga da locomoção naquelas bandas. O que na Europa você conseguiria fazer em dois dias de passeio, aqui você precisa de cinco. Eu contratei um guia e recomendo fortemente que, pelo menos nos três primeiros dias de viagem, você pegue também alguém que explique esse novo mundo que se abre à sua frente.



Na China tudo é diferente, superlativo e novo ao paladar, com sabores incríveis em barracas de rua ou em restaurantes premiados



COMIDA CHINESA DE VERDADE

Sabe aquela comida chinesa que você comeu no Brasil? Sinto dizer que nem é comida e nem é chinesa. Impressionante como o que se come lá é uma coisa completamente distinta daquilo que se vende no Brasil como comida chinesa. Outros sabores, outros ingredientes, outros pratos. Há restaurantes premiados deliciosos e barraquinhas de rua imperdíveis. O famoso pato de Pequim é o mais parecido em termos de sabor com o que temos por terras brasileiras. Mas o próprio molho agridoce, presente em qualquer prato que pedimos em restaurantes nossos, não vi em nenhum prato por lá. Fato curioso: foi o único lugar no mundo que vi comerem coração de frango nas quantidades que comemos no Brasil, e não como uma iguaria. Andar pelas ruas e parar em cada barraquinha para entender o que está à venda é um *highlight*. Faz toda a diferença provar o que se come no dia a dia. Muita fritura, mas muito legumes, muitas verduras e o melhor porco da minha vida.

Shanghai é bem mais comercial. Prédios e mais prédios. Principais atrações turísticas? Prédios. Altíssimos, moderníssimos, iluminadíssimos e lindíssimos. Na China, tudo é superlativo. O Middle House Hotel foi um novo acerto. Acolhedor e repleto de restaurantes, é meio que um epicentro gastronômico da cidade, já que abriga restaurantes da moda, caso do italiano Frasca (o mesmo de Pequim) e o Sui Tang Li, um afamado chinês contemporâneo, que mistura influências cantonesas, sichuanesas e xangaienses em sua cozinha.

Todo *staff* dos hotéis em que fiquei por lá fazia de tudo para que me sentisse em casa e facilitava qualquer tipo de serviço para o turista, justamente para ninguém se perder. Zelosos, eles fazem de tudo

Acima e ao lado, pratos do estrelado Yi Long Court, destaque na cena gastronômica de Shanghai



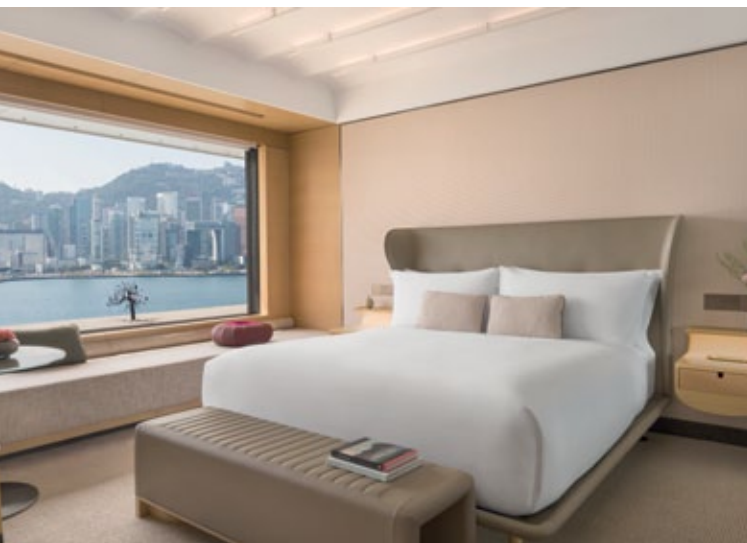
para que a sua experiência seja a melhor possível. Eu estava com dificuldades para comprar ingressos para a Disney (sim, há uma Disney na China) e eles passaram o dia tentando resolver o problema – que se mostrou bastante complexo, inclusive. A maior parte dos turistas na China é de chineses. Pós-pandemia, então, houve uma queda muito grande. Para as reservas de restaurantes, nada melhor do que pedir para os próprios chineses ligarem e reservarem. Seu concierge com certeza vai conseguir uma reserva para você.

Há comida de todos os tipos. Estamos falando de cidades cosmopolitas. Enormes todas são, e conectadas com o que de mais moderno existe pelo mundo afora. Esqueça a tal da China comunista! Estamos falando de um lugar que tem Apple, McDonald's e Starbucks em tudo que é canto. Se quiser um *Michelin* em Shanghai, também há (várias) boas opções: uma delas, o Yi Long Court, revisita as cozinhas chinesa e cantonesa clássicas com uma leitura moderna, servindo pratos que misturam sabores antagônicos, caso da costela de porco picante com capim-santo.

A minha experiência foi encantadora. Com o povo, com os templos, com a cultura, com a comida e com uma realidade distante de tudo o que eu já havia conjecturado a respeito do país.



Acima, o Regent Hong Kong sobre a baía e um dos quartos do mesmo hotel



A CHINA COM OUTRA FACE

Em Hong Kong, pude experimentar uma China que não é China, mas que é China. Ou será, em algumas décadas. Uma China ocidentalizada, para simplificar. Cheia de luzes e cores, à margem de um rio, o que deixa tudo ainda mais potente. O Regent Hong Kong é um hotel com uma vista dos sonhos. A cidade à noite é a cena de um filme, uma pintura contemporânea, e ter essa cena pela “tela” da sua janela não tem preço. Bastante movimentada e pulsando energia, ali o ocidental pode entrar sem visto e as compras atraem ainda mais a atenção de quem quer sentir um pouco da China sem ter que fazer todo o trâmite para entrar no continente. Pude mergulhar em realidades muito diferentes sobre um mesmo país numa mesma viagem.

O Regent Hong Kong, aliás, se define como um *dining destination*, ou seja, nem é preciso sair dele para comer, e comer muito bem. Tem, claro, um cantonês, o estrelado e superpremiado Lai Ching Heen, o elegante The Steak House, uma filial do Nobu e outros bares e restaurantes, todos com vista de fazer cair o queixo. Se quiser outro restaurante com uma bela vista para o *skyline* da cidade, o Aqua fica no 29º andar de um edifício com vistas privi-

Contemporânea, cheia de luzes e cores, Hong Kong é uma China mais ocidentalizada na cultura



Ao lado, preparo de *teppanyaki*, em Taiwan, uma das especialidades da cozinha local, e o edifício do Regent Taipei



legiadas para os arranha-céus e a baía. Da cozinha saem pratos da moderna culinária oriental, como o *wagyu beef tataki*.

Meu último destino foi Taiwan, aquela China que resistiu à Revolução Chinesa, em 1949. Será? O monumento em homenagem àquele que combateu Mao e foi exilado por lá é impressionante. Duas visões antagônicas de uma mesma história. Como é bom poder viver pontos de vista diferentes. O Regent Taipei é bem localizado, no coração da capital, e um templo gastronômico. Sim, há igualmente uma infinidade de restaurantes, distribuídos pelos pisos do enorme hotel, entre eles o japonês Mihan Honke (um charme), o cantonês Lan Ting, o contemporâneo Azie e outras opções, entre bares, cafés, um grill de *teppanyaki*, um *omakase* e muitos mais.

Conheça esses países. Com tempo e livre de pensamentos moldados com base em achismos. E descubra lá que o seu lado do mundo é só uma pequena parte de um planeta muito diverso. O lado de lá vai abrir a sua cabeça. Que maravilha é este mundo cheio de lados! 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



AVENTURA

Kea leboha, Botsuana

*Entre baobás sagrados, a magia viva
do Delta do Okavango e a paisagem plural
das reservas de Botsuana, conheça a ótica afetiva
e sustentável dos camps da Wilderness no país*

POR JEFF ARES





Imagine existir por mil anos. Testemunhar cada pôr do sol, ter tempo para contar todas as estrelas... Tenho um fascínio por baobás – quebrei o pé anos atrás ao pular de um 4x4 para abraçar um deles no Tarangire Park, na Tanzânia. Pode rir. O guia me disse que eu deveria mentir: “Fala ao menos que você se machucou subindo no galho mais alto”. Um sábio me contou que é sinal de que uma energia precisava ser libertada. Carrego isso comigo, como um presente daquele baobá – de transmutar algo em mais amor.

No primeiro *game drive* no luxuriante Wilderness Tubu Tree, na Ilha de Honda, no mágico Delta do Okavango, que banha Botsuana, apontei excitado para um baobá lá longe, tagarelando sobre essas minhas histórias. A essa altura estou no meu terceiro *camp* da rede, em uma delirante viagem de nove noites para conhecer a filosofia da marca, comprometida com a preservação de 2,3 milhões de hectares em oito países africanos – baobás e toda sorte de vida selvagem, gente, ancestralidade, espírito.

A hospitalidade é um negócio muito sutil, e cada pequeno detalhe pode cristalizar sua avaliação. Emocionar um hóspede é das belas artes.

A luz vai baixando, um ventinho gelado chega para refrescar os animais. Hora do último *sundowner* – o *open bar* de memórias do dia. Nosso 4x4 deu uma guinada à direita, abriu-se uma clareira... Fez-se ele, majestoso: o baobá! O Wilderness Tubu Tree montou um cenário estilo *Out of Africa* aos pés do maior e mais sábio da região. Todas as emoções dos dias de profunda conexão irromperam. Por tudo que a árvore representa para mim. E sobretudo pela delicadeza de um gesto, o olhar de um ser para outro. Nesse caso, de três: do Goratamang Legae, ou Gora, caríssimo guia, que me contou que baobás eram, em tempos antigos, reverenciados como divindades. Do Shaun Clemence, *general manager*, e sua sensibilidade para criar o memorável. E da Maria Alice Cavalcanti, da The Global Nomads, companheira dessa e de tantas jornadas de turismo responsável. Gente que sabe que viajar é para dentro.

Acima, os leões e leoas são abundantes no Wilderness Mokete



Acima, em sentido horário, manada de elefantes avistada durante um dos safáris, Jeff Ares diante de um baobá e um leopardo à espreita no Wilderness King's Pool





Botsuana é uma terra simbólica para a Wilderness – onde tudo começou, em 1983, com o sonho de um negócio socioambiental

Acima, *mokoro*, o tradicional passeio de canoa no Wilderness Tubu Tree. Na página ao lado, deck da área comum do Wilderness Mokete e hipopótamo em área alagada do Wilderness King's Pool

PROSPERIDADE VERDE

Botsuana tem essa coisa de nos encantar no profundo. É uma terra simbólica para a Wilderness – onde tudo começou, em 1983, com um grupo de jovens guias e o sonho de um negócio socioambiental. Próspero, o país viu sua economia crescer após a independência, em 1966, alavancada pela mineração – ocorre ali 20% da extração mundial de diamantes. A também pujante indústria do turismo impulsionou a Wilderness, que transformou a utopia em bandeira, mirando a preservação de 5 milhões de hectares de terra e vida selvagens até 2030. O turismo de luxo responsável se mostrou um grande negócio: mais de 60 *camps* pelo continente, uma companhia aérea própria e os mais prestigiosos prêmios da indústria.

E foi num avião da Air Wilderness (essa é uma grande comodidade) que cheguei ao luxuriante Wilderness King's Pool, na Reserva de Lyniant. O nome pomposo se deve a uma ilustre lua de mel que ali se deu, a de nossa *mezzo*-brasileira rainha Silvia com o rei Carl Gustav XVI, da Suécia. O cenário é idílico: construção clássica, às margens do rio que nomeia a reserva e divide Botsuana e Namíbia. Coa-

lhado de crocodilos, que convivem amigavelmente com hipopótamos. Da minha elegantíssima tenda, dormi ao som dos gordinhos – é das mais inusitadas cantigas de ninar. Experiência digna de realeza.

EDUCAR É PRECISO, PRESERVAR É VITAL

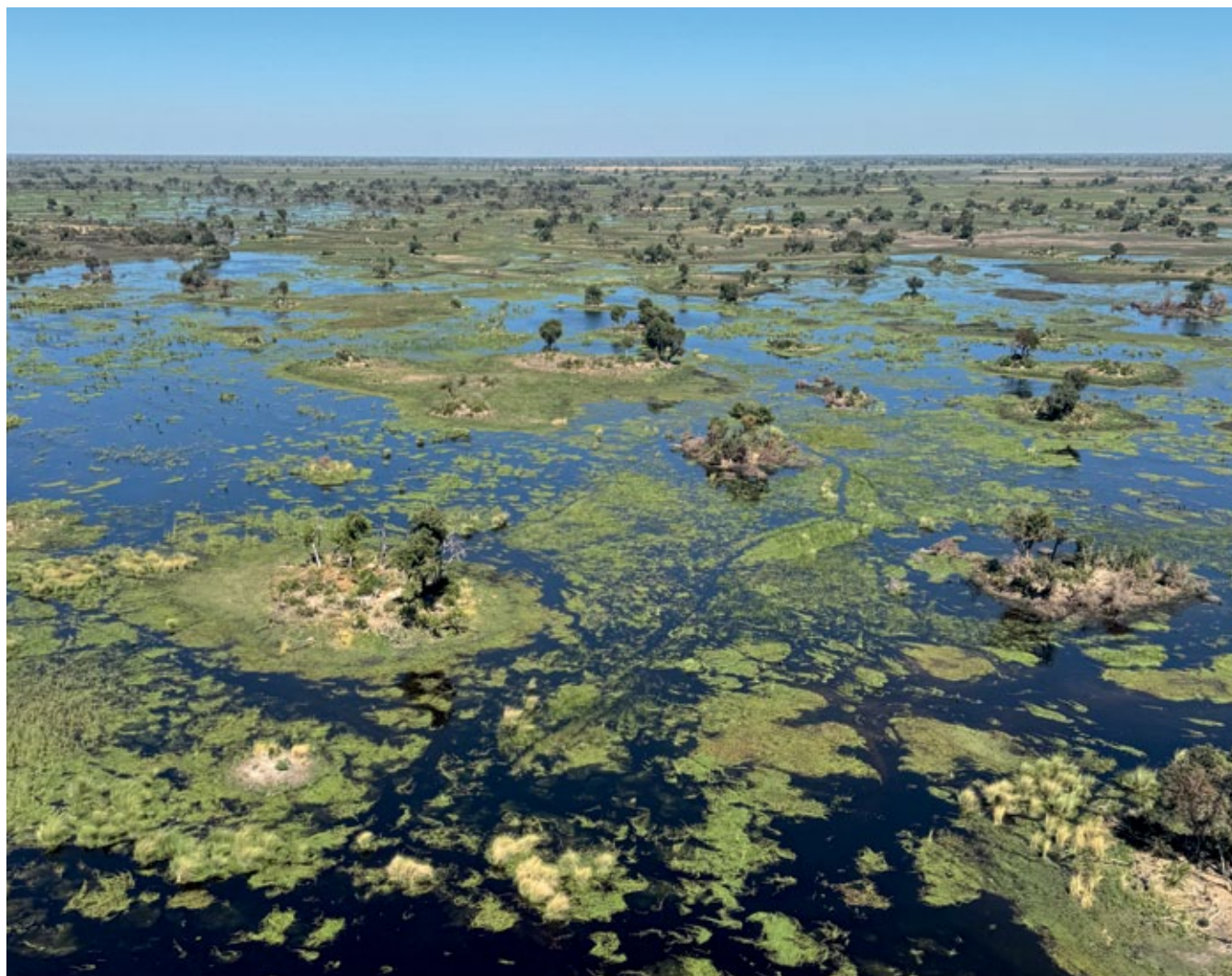
No deck em frente ao rio, em um jantar regado a ótimos vinhos sul-africanos, conversei com Wesley Hartmann, chefe de operações de conservação e meio ambiente da Wilderness no país. Entre um wi-fi e outro, leio notícias sobre as queimadas na Amazônia. Divido com o ambientalista, que me conta que, em Botsuana, tristemente, elas também são comuns e “devastam imensas áreas africanas”. Há quem queime, pasme, para abrir novas áreas turísticas e fazer crescer um tipo de vegetação que atrai animais. E há os caçadores, que queimam para isolar e despistar os “*rangers*” – e fugir.

Wes (já estamos amigos e podemos chamá-lo pelo apelido) me conta que “as grandes ameaças à fauna da África são os conflitos humanos e a caça ilegal”. Os leões, por exemplo, são sistematicamente dizimados por atacar o gado das comunidades. “A Wilderness se engaja em ações de educação





Manada
de búfalos
na savana



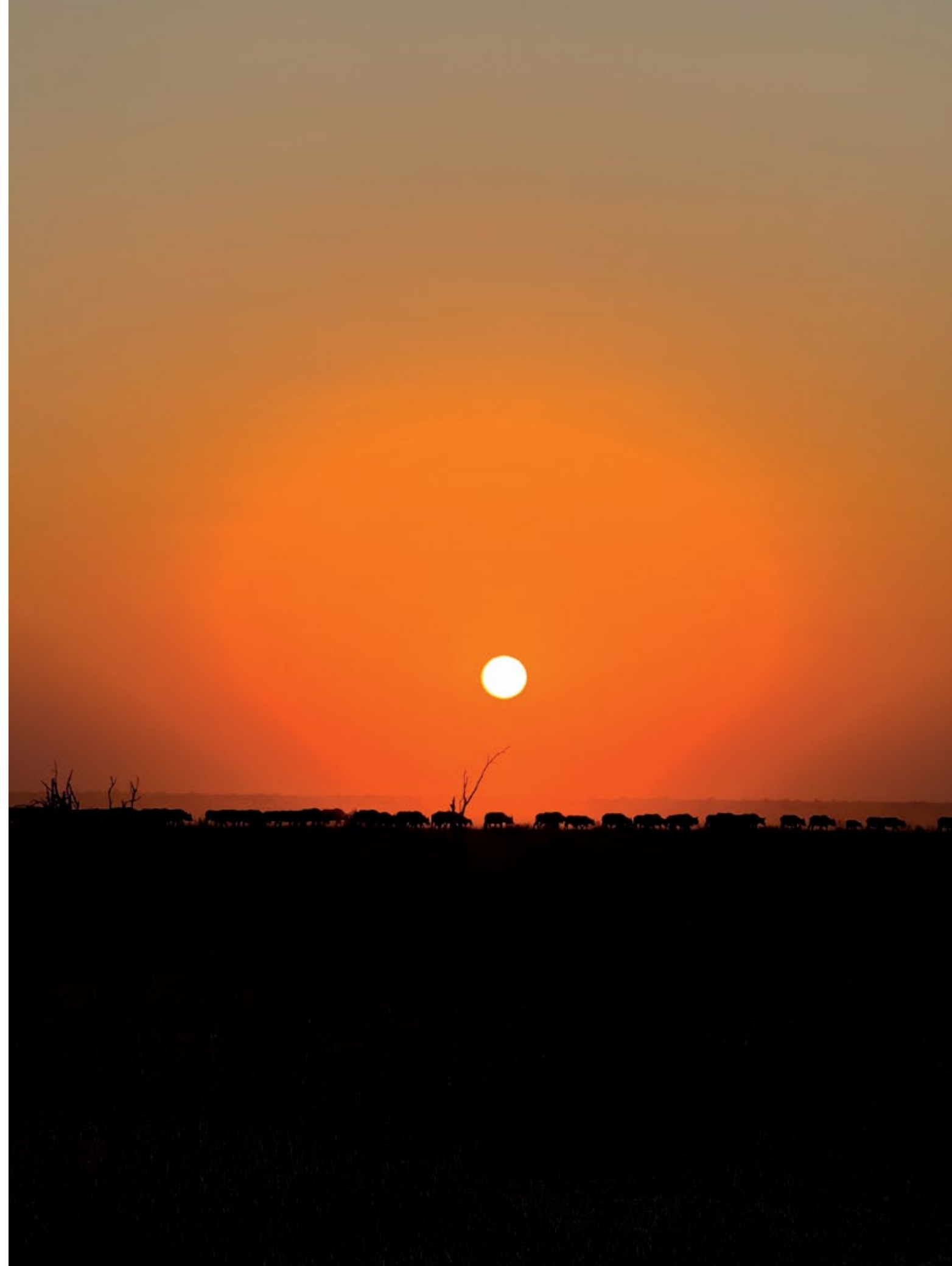
ambiental e convívio pacífico”, ele relata. Por exemplo, abastecendo seus *camp*s com produtos sustentáveis, caso da (ótima) cerveja Okavango, que em parceria com a ONG Ecoexist só compra cevada de fazendeiros que protegem elefantes. “Botsuana é muito seguro para eles, por isso são tantos aqui.”

É impressionante: um quarto dos elefantes do mundo vivem em Botsuana. No *hide* do King’s Pool, vivi um momento encantado com uma elefanta idosa. É uma terapia passar horas vendo as silenciosas manadas e seus rituais. Os elefantes são as grandes vedetes. Mas espere ver também uma profusão de animais por essas terras. Combinar dois ou três *camp*s é a certeza de avistar hienas, chacais, búfalos, abutres, toda a sorte de antílopes (especialmente impalas), multicoloridos pássaros, hipopótamos, os raros leopardos (especialmente no Delta do Okavango), girafas, crocodilos, porcos-espinhos, lebres, civetas, gnus, zebras, raposas, cachorros selvagens, babuínos... Perdão se me esqueci de citar alguém. E, claro, leões e leoas – são muitos, especialmente no Wilderness Mokete. Vamos a ele, a seguir.

A DANÇA DA NATUREZA

Impressiona a força da luz do céu da Depressão de Mababe – foi ali que cunharam o termo “até onde a vista alcança”. As silhuetas de centenas de búfalos marchando sob uma ofuscante luz laranja já entrou para o rol das minhas memórias inesquecíveis. Apelidada de “mini-Serengeti” por Jonah Seboko, um espirituoso guia, a novíssima concessão é um jardim do Éden. Gerente geral do *camp*, Cobus Calitz nos acompanhou em um pôr do sol maravilhoso, em que uma hiena curiosa nos deu a honra da presença. É nítida a

Acima,
a beleza sublime
do Delta do
Okavango,
sinônimo de
vida na África. Na
página ao lado,
a silhueta de
búfalos ao pôr do
sol na Depressão
de Mababe





rasinhos. Faça o *mokoro*, o passeio de canoa tradicional, para ver de perto essa nababesca paisagem. Uma meditação.

No Wilderness Tubu Tree, vivi alguns dos momentos mais emotivos da viagem. Estava mais a florado, sentindo os efeitos de ficar sem internet por muitos momentos do dia... o que me devolveu a presença. “Off-line é o novo luxo”, afinal. O celular me serviu só para anotar, fazer fotos, gravar o som dos elefantes aos pés da minha tenda, numa madrugada encantada. Fazer mil vídeos das danças e dos cantos em Setswana, num jantar regado a rugidos de leões, experimentando o Botsuana Beef, uma carne de panela cozida por seis horas, até se desfilar em mil sabores. Conexão ali só com energias, percussões, vozes. Me senti inteiro.

Não bastasse a pulsão de vida dessa experiência sensorial, o Wilderness Tubu Tree me reservou ainda a chave de ouro... Você sabe, a surpresa do baobá. Uma epifania. Pedi à árvore da vida o que se pede quando se acredita. Agradei pela sorte de colecionar alguns sorrisos pelos caminhos de Botsuana, de deixar um pouco de mim e receber um pouco de quem talvez eu não veja nunca mais... Pensei nas pessoas que eu amo. Pensei nos meus erros também – e me perdoei. Pedi coragem para seguir em frente. Para conhecer cada baobá que há – e ouvir deles todos os segredos do mundo.

Kea leboha, ou “muito obrigado”, Botsuana! 📍

sua excitação – ele sabe que esse é o lugar da vez. Quando esta UNQUIET chegar até você, o Wilderness Mokete terá apenas sete meses de vida, e já nas listas de melhores destinos deste ano.

As tendas nos colocam no meio da ação. São apenas nove, combinando artesanato africano e design minimalista, um quê meio nórdico das savanas. Com direito a animais passando bem próximos da minha tenda à noite. É seguro, claro, desde que não se aventure sozinho – estritamente proibido, sabemos. Afunde-se em sua confortabilíssima cama e mire as estrelas: o teto é retrátil.

Já extasiado, tive que tomar fôlego para respirar ainda mais fundo: sobrevoar o Delta do Okavango é da ordem do sublime. Depois da aridez das paisagens – Botsuana está enfrentando uma seca severa há anos –, observar a magnífica formação de terras alagadas é um refresco. Águas das chuvas de Angola abastecem os leitos que se formam pelas depressões das falhas geológicas. Correm infinitos,



Acima, vista externa do Wilderness King's Pool, Na página ao lado, uma das tendas e varanda com vista para lagoa do Wilderness Tubu Tree

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



ENTREVISTA

Matías de Cristóbal

Ao unir princípios de conservação, práticas sustentáveis e serviços de hospedagem personalizados, sempre colocando a natureza no centro de suas operações, Matías de Cristóbal conta como posicionou e mantém o Awasi no topo da lista dos scapes mais bem avaliados e cobijados do mundo

POR ERIK SADAQ

Matías de Cristóbal é o inquieto fundador da Awasi, uma marca focada em exclusividade, personalização e práticas sustentáveis em destinos remotos da América do Sul. Sob sua liderança, a Awasi se tornou referência em turismo de baixo impacto, protegendo mais de 340 hectares de floresta virgem e neutralizando mais de 10 mil toneladas de CO₂ anualmente. Seu enorme compromisso ambiental está presente em toda a operação, desde o uso de ingredientes locais na gastronomia até o rigoroso controle de resíduos.

A integração com as comunidades locais oferece emprego, treinamento e parcerias que ge-

ram impacto positivo de longo prazo, e iniciativas como o Awasi Artist Immersion, criada para reforçar a conexão com a cultura e a preservação ambiental (unindo arte e natureza para destacar a singularidade dos destinos), são projetos que enchem Matías de orgulho. Ele conduz a jornada da marca que criou com visão de futuro, sempre buscando inovar sem comprometer os princípios que definem a Awasi.

Na conversa que tive com Matías, abordamos alguns dos aspectos marcantes de uma das maiores referências em sustentabilidade e turismo de baixo impacto da América Latina. Além dos projetos, ele deixou escapar alguns dos sonhos e planos que viajantes UNQUIET vão adorar ver realizados.

UNQUIET _ **A Awasi tem uma filosofia única, focada em exclusividade e personalização. Você pode compartilhar o que inspirou essa visão e como ela molda a experiência dos hóspedes?**

Matías de Cristóbal - Percebemos muito cedo que o bem mais valioso dos nossos hóspedes é o tempo. As pessoas trabalham muitas horas e têm apenas alguns dias por ano para passar com seus entes queridos. Ao viajar para locais remotos, como na América do Sul, há grandes expectativas de aproveitar ao máximo a experiência, então por que deveriam compartilhar esse tempo com pessoas que não pertencem ao seu grupo ou ter que se adaptar às preferências de outros? Cheguei a essa constatação durante minhas próprias viagens com a família, nas quais, se tivesse a oportunidade, pagaria mais para reservar alguns passeios privados. Infelizmente, isso nem sempre estava disponível.

Como você equilibra a criação de uma experiência de luxo com a garantia de autenticidade nos destinos onde a Awasi opera?

No nosso caso, é quase o contrário: a autenticidade deve ser uma parte

fundamental da experiência de luxo. As pessoas que nos visitam provavelmente já têm todo tipo de luxo material em casa, então por que tentaríamos recriar sua decoração, seus aparelhos ou suas experiências com que já estão acostumadas no dia a dia? Acreditamos que é muito mais valioso garantir a oportunidade de se conectar com as pessoas locais, ter a chance de compartilhar uma bebida com um biólogo, historiador ou artista interessante, experimentar a gastronomia da região com ingredientes frescos, aprender sobre arquitetura e artesanato locais e descobrir joias fora do caminho comum. Como se tivessem um amigo no destino que lhes mostrasse seus lugares preferidos. Para isso, contamos muito com nossa equipe, contratando os profissionais mais experientes e comprometidos que pudermos encontrar. Obviamente, nada disso seria possível sem um grande esforço de treinamento constante e o controle de qualidade para garantir que os padrões de serviço sejam cumpridos.

Qual é o significado de conectar os hóspedes à natureza e às

culturas locais na filosofia geral da Awasi?

Muitas vezes, os adultos perdem a capacidade de se surpreender ou apreciar as pequenas coisas da vida, algo que temos na infância. Por meio da exploração da natureza e da cultura local, esperamos ser capazes de reconectar nossos hóspedes com as emoções primárias de prazer. É amplamente estudado que estar cercado pela natureza tem efeitos calmantes no corpo e na mente. Mais importante ainda, na Awasi acreditamos no turismo regenerativo e de baixo impacto, ou seja, proteger os lugares onde estamos localizados por meio do nosso trabalho. Aprender sobre a natureza e a cultura de um morador é o primeiro e mais importante passo para começar a se importar com ele e garantir a sua proteção.

Com suas propriedades localizadas em alguns dos ambientes mais remotos e intocados, como você garante que os hóspedes tenham uma experiência imersiva sem perturbar o ambiente natural?

Isso é alcançado com uma operação de baixo impacto, uma

equipe qualificada e uma filosofia clara. Em outras palavras, oferecemos poucos quartos para evitar ao máximo perturbar o ecossistema e priorizamos a natureza no nosso estilo de construção e operação. Contratamos profissionais e educamos nossa equipe e nossos hóspedes sobre o comportamento que devemos ter na natureza, sendo muito claros quanto aos limites.

O que o motiva no setor de hospitalidade e como isso influencia a direção da Awasi?

Meus interesses pessoais: música, arte autêntica, culturas vivas, fotografia e natureza se refletem na criação da Awasi. Construímos a Awasi em três locais remotos, onde tempo, espaço e silêncio são os verdadeiros luxos. Essa visão nos direciona a proporcionar experiências imersivas e significativas em ambientes únicos e intocados. A verdadeira recompensa, para mim, tem sido alcançar uma equipe de mais de 300 colaboradores, que compartilham interesses semelhantes e se tornaram orgulhosos embaixadores dos nossos valores. Essa paixão coletiva é o que realmente define a Awasi e enriquece as experiências que oferecemos.

A sustentabilidade é um valor central para a Awasi. Você pode nos contar sobre algumas das iniciativas implementadas para minimizar o impacto ambiental?

Preservar os ecossistemas únicos da América do Sul, onde nossos lodges estão localizados, é de extrema importância para nós. Protegemos e conservamos ativamente mais de 340 hectares de floresta virgem e mata nativa em Iguazú e na Patagônia. Nossa equipe se dedica a manter essas áreas florestais, que absorvem mais de 10 mil toneladas de dióxido de carbono anualmente. Esse valor excede o total de

emissões geradas por nossos três lodges, bem como as viagens aéreas e de transfer realizadas por nossos funcionários e hóspedes. Como resultado, temos orgulho em dizer que somos oficialmente neutros em carbono.

Você pode nos contar mais sobre os projetos de conservação nos quais a Awasi está envolvida, especialmente em lugares como a Patagônia e o Deserto do Atacama?

A maioria dos nossos projetos de conservação está concentrada na Patagônia e em Iguazú, devido aos ecossistemas únicos e à biodiversidade e às oportunidades de aquisição de terras que tivemos nessas regiões. No Atacama, o lodge está localizado dentro da cidade de San Pedro, então nossos terrenos não são tão significativos, mas damos grande ênfase em manter as operações diárias com o menor impacto possível e de forma socialmente responsável. Como o Awasi Patagônia está localizado à beira do Parque Nacional Torres del Paine, criamos um tipo de corredor natural em nossos terrenos que amplia a área protegida, permitindo que a vida selvagem circule livremente. Como resultado, ajudamos a restaurar o habitat natural de espécies nativas. Pumas, condores, guanacos e muitos outros animais agora circulam em áreas que anteriormente estavam desprovidas de vida selvagem devido à agricultura. O parque serve como um refúgio para várias espécies nativas, incluindo o condor e o guanaco.

Como você colabora com as comunidades locais nas regiões onde seus lodges estão localizados para garantir a sustentabilidade e os impactos positivos a longo prazo?

A chave para colaborar com



as comunidades locais sempre começa com o emprego formal e a educação. Na Awasi, temos apenas entre 12 e 14 quartos por lodge, mas entre 90 e 100 funcionários diretos entre o hotel, o restaurante e as equipes de excursões. Além de emprego, é importante para nós proporcionar oportunidades de crescimento por meio de intercâmbios entre hotéis, treinamentos etc. Isso não inclui os fornecedores indiretos de materiais, ingredientes, excursões, decoração, que sempre fazemos questão de serem locais e de comércio justo, sempre que possível.

Você poderia destacar algumas iniciativas para apoiar os artesãos locais, o patrimônio cultural ou a educação nas comunidades ao redor das suas propriedades?

Na Awasi, acreditamos que a arte e a natureza são dois elementos indispensáveis para a subsistência do espírito humano. Para honrar essa crença, criamos o programa

Acima, em sentido horário, ambiente rústico e integrado à natureza do Awasi Patagonia, o passeio pelas cataratas é destaque do Awasi Iguazú e cavalgada no Atacama, um dos programas mais desejados pelos hóspedes do Awasi Atacama

Awasi Artist Immersion, que colabora com artistas de todo o mundo para ajudar a preservar o valor dos ecossistemas nativos ao redor das propriedades da Awasi. Inspiradas pelas paisagens naturais, pelos sabores autênticos e pelo patrimônio local, as obras de arte servem como catalisadores para a conservação tanto da natureza quanto da cultura. Nos últimos anos, estivemos envolvidos em um projeto de integração com o Instituto Esperança, uma escola de educação especial para crianças, adolescentes e adultos localizada em Puerto Iguazú (*a dez minutos da Awasi Iguazú*). Com o apoio da diretora e da psicóloga da escola, incorporamos alunos na nossa equipe na Awasi Iguazú para estágios de seis meses. Após os estágios, dois alunos, Alan e Hernan, começaram a trabalhar permanentemente no hotel.

Como você vê o papel das viagens de luxo evoluindo em termos de sustentabilidade e engajamento comunitário na próxima década?

Acredito que é inevitável e extremamente importante evoluir nesse sentido, já que a próxima geração de clientes exige nada menos do que esses padrões. Os millen-

nials se tornaram um público-chave no setor de viagens de luxo e, em poucos anos, as gerações mais jovens tomarão a dianteira. Essas são pessoas altamente informadas e educadas, que esperam que a conservação aconteça. E não são apenas nossos clientes, mas também nossos funcionários e futuros líderes, por isso, esse é um passo obrigatório, na minha opinião.

O que vem a seguir para a Awasi? Há novos projetos ou destinos que você planeja para explorar no futuro próximo?

Estamos muito ansiosos para expandir para novos destinos e estamos de olho em oportunidades no Hemisfério Norte, mas nada está definido. Adoraríamos ver a abertura de uma Awasi em uma localização remota dos EUA ou da Islândia, por exemplo, mas isso são apenas desejos no momento. Também estamos constantemente procurando oportunidades na América Latina, é claro, já que há destinos incríveis para serem desenvolvidos de forma responsável. Por enquanto, estamos focados em manter nossos padrões elevados, implementar melhorias e continuar colaborando com artistas de todo o mundo. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



AVENTURA EXTREMA

Nas remotas Ilhas Faroé

Por estradas, a pé, de barco: uma jornada pelas paisagens cênicas desse arquipélago desconhecido do Atlântico Norte

POR DANIEL NUNES GONÇALVES
FOTOS AUGUSTO GOMES



Arrasto os dedos para dar um zoom em 18 pontinhos do mapa-múndi, nas altas latitudes do Círculo Polar Ártico, e lá está o meu destino: Ilhas Faroé. Mal posso crer que estou, enfim, chegando a esse tão desejado arquipélago viking, nos arredores remotos de outras ilhas do Oceano Atlântico Norte, como a Groenlândia e a Islândia. E que prazer sair do avião e respirar o ar frio, mesmo no verão, desses confins vizinhos do Polo Norte.

Ovelhas, muitas delas, dão as caras nos campos verdes logo na saída do aeroporto, justificando o nome dessa nação, tão pequena que caberia dentro da cidade de São Paulo. Na língua feroesa, o nome das Ilhas Faroé significa “Ilhas das Ovelhas”. Estima-se que o país tenha mais delas (cerca de 70 mil) do que humanos (53 mil). Quase metade deles mora em Tórshavn (lê-se Tórshan), a menor capital do mundo, e desse território autônomo, que faz parte do Reino da Dinamarca.

TÓRSHAVN, O PORTO DO DEUS THOR

“Tórshavn significa Porto de Thor”, conta o guia da Borealis, operadora de turismo brasileira especializada no Ártico e que me trouxe, juntamente com o fotógrafo Augusto Gomes, até aqui. Na marina, repleta de barcos, as águas da Península de Tinganes refletem antigos armazéns, logo na entrada da cidade, que homenageia o deus mais popular da mitologia nórdica.

Míticos navegadores de origem norueguesa, que teriam chegado às Ilhas Faroé por volta do século IX, os vikings deixaram aqui sua herança genética e também cultural, desde as navegações e da pesca até a hoje polêmica caça às baleias. Pesquisas recentes, no entanto, apontam que celtas irlandeses estiveram aqui cerca de três séculos antes, e já com suas ovelhas.



A dramática Cachoeria de Fossá.
Na página ao lado, o Lago
“flutuante” Sørvágsvatn



O simpáticos puffins, aves migratórias típicas da Ilha de Mykines. Na página ao lado, as casas com telhado de grama em Þour e a colorida vila de Gjógv

A impressionante vista
da Cachoeira Múlafossur
que deságua direto no mar





CASAS COM TELHADO DE GRAMA

Nada é mais a cara das Ilhas Faroé do que as casas de madeira cobertas por telhados de grama. Ladeadas por cafés, livrarias e restaurantes (inclusive com estrelas *Michelin*), as duas dúzias de residências com teto verde na Cidade Velha, em Tórshavn, são do século XIV. Em outras vilas, o mato no teto das casas ainda é podado por ovelhas, como vemos ao desbravar o arquipélago.

Vilas com casas e igrejas coloridas voltadas para o mar, cercadas por fiordes de origem vulcânica e campos floridos, dominam a paisagem, de contos de fadas. Seis das 18 ilhas são conectadas por estradas lindas, repletas de cachoeiras. Bøur, na Ilha de Vágur – a mesma do aeroporto –, é uma delas. “Os viajantes buscam natureza e silêncio e encontram bem mais do que isso”, gaba-se Tróndur Niclasen, criador de 100 ovelhas e um dos 72 moradores locais.

TÚNEIS COM AURORA BOREAL

Encarapitada em um morro à beira-mar, a 6 km de Bøur, o povoado de Gásadalur, com 13 habitantes, fica ao lado da Cachoeira de Múlafossur, de 30 m, que deságua no mar. Caminhantes, corredores e ciclistas se aventuram desde Bøur até ali pela Antiga Rota Postal, a única trilha possível até duas décadas

atrás. Depois da construção de um túnel de acesso, a cascata ficou acessível a veículos e viralizou mundo afora como uma das cenas mais instagramáveis das Ilhas Faroé.

Os túneis são uma atração do arquipélago. Desde os anos 1960, 20 foram construídos (alguns submarinos), conectando as ilhas. Ao viajar desde a Ilha de Streymoy, onde fica a capital, Tórshavn, para conhecer a simpática vila de Gjógv, na Ilha de Eysturoy, me deparo com a primeira rotatória submarina de túneis do planeta. Alguns trechos de túneis contam com instalações artísticas, como luzes de teto que simulam a aurora boreal – outro orgulho dos nativos nas noites de inverno.

CAMINHADA AO LAGO FLUTUANTE

Estamos viajando no verão, o que significa que as noites quase não têm escuridão. Por isso, não nos intimidamos de começar, sob o sol das 20 horas, uma caminhada de 7 km e três horas até um cenário único das Ilhas Faroé: Sørvágsvatn, o Lago Flutuante. Visto do alto de um despenhadeiro dramático, o Trælanípa, 140 m acima do mar, o maior lago do país parece ter suas águas mansas bem mais altas do que na realidade são, em uma ilusão ótica que contrasta com as ondas do oceano.



Acima, o cais natural da vila de Gjógv e as espetaculares rochas de Drangarnir: tudo gira em torno do mar

Posso experimentar as revoltas águas do Atlântico, desbravadas por vikings, ao me dirigir às ilhas onde só se chega navegando. No passeio de barco para rodear as duas espetaculares rochas de Drangarnir, avistáveis desde a vila de Bøur, uma tempestade faz o mar se agitar e o barco balançar muito. “Esse é o verdadeiro clima do mar e do céu das Ilhas Faroé. Sempre imprevisíveis”, explica o marinheiro Jákup í Lodu.

REFÚGIO DOS PUFFINS

Mesmo no dia seguinte, com sol e o tempo claro, me impressiono com a força da maré batendo nos paredões do ancoradouro natural da remota Ilha de Mykines. Passada a emoção do desembarque, esse lindo vilarejo colorido, de apenas 40 casas, algumas delas construídas com pedras pelos vikings, se descortina como um verdadeiro templo de observação de aves.

Nada menos que 60 mil puffins, uma ave migratória fofa e desengonçada, pontilham os precipícios. Eles só vêm no verão, para fazer ninhos e alimentar os filhotes. No inverno, despedem-se de Mykines, e com eles os turistas e até os moradores. O clima paralisa as navegações e só dá para chegar aqui de helicóptero. Mas os puffins sempre voltam. E não só eles. Quem conhece as Ilhas Faroé quer sempre voltar. 📍

Vilas com casas coloridas voltadas para o mar, cercadas por fiordes e campos verdejantes, dominam a paisagem

Bom dia, icebergs

Da França à Groenlândia em solitário no *Sardinha-2*

POR TAMARA KLINK



Minha primeira vista da Groenlândia foi um iceberg maior do que uma cidade. A bordo do veleiro *Sardinha-2*, eu acabava de atravessar o Atlântico em solitário pela segunda vez. Tinha começado a viagem na França, realizado uma parada na Irlanda e fazia 13 dias que eu não via terra ou outros humanos. Durante o trajeto, três fulmares-boreais, aves marinhas cinza, acompanharam o *Sardinha-2*. Eles faziam voos rasantes no nariz do barco quando havia vento e boiavam na água ao redor quando o tempo acalmava. Quando a terra ficou próxima, os fulmares partiram.

Nesse momento, eu me senti feliz e preocupada: ver o primeiro iceberg era o resultado de uma grande etapa, mas eu sabia que havia entrado em uma zona de navegação perigosa – e que nenhuma experiência ou preparo anterior ia tornar o mar mais gentil, e nem diminuir os perigos que estavam por vir.

Fora da água, o iceberg era alto como uma montanha. Levantei os binóculos, que carregava pendurados no pescoço, e apontei para o alto do gelo. Lá em cima, eu pude ver milhares de andorinhas. Pesquisei a espécie no guia de identificação de animais: moleiro-de-cauda-comprida, ou *Stercorarius longicaudus*. Como vários animais, esses moleiros fazem ninhos nas altas latitudes durante o verão e voam para lugares mais quentes no inverno. Meu principal pensamento era este: todos os anos, essas pequenas aves fazem a mesma viagem que fiz com o *Sardinha-2*, mas, enquanto eu precisei de um barco com grandes velas, elas cruzam calmarias e tempestades batendo pequenas asas, tendo seu próprio corpo como instrumento.

Não é preciso ser bom em tudo para velejar em solitário, mas a gente não pode ser ruim em nada. Em águas quentes, a parte mais difícil de navegar sozinha é gerir o sono: durmo em pedacinhos de 20 ou 30 minutos de cada vez, para poder reagir rápido caso o vento mude ou apareça algum perigo. Em águas frias, além de diminuir mais os períodos de sono e às vezes passar dias sem dormir, é preciso se desviar de icebergs, desconfiar das cartas náuticas e resolver problemas técnicos sem ajuda. Há poucas chances de ter apoio em caso de problema e, muitas vezes, o resgate é impossível. Por um lado, isso me causa muito medo. Por outro, me sinto estimulada a dar sempre o meu melhor, a aprender mais com todas as pessoas que encontro, a estudar a meteorologia, as mudanças climáticas, a cultura local e os animais. E ser responsável por cada milha do nosso caminho torna a chegada mais feliz e a memória mais poderosa.

Eu encontraria muitos riscos pela frente, mas o maior desafio que vivi foi estar pronta para partir. A preparação do barco levou 15 meses e foi cheia de imprevistos. Muitas vezes, desistir era a resposta mais lógica diante de listas infinitas de coisas para aprontar em pouco tempo e com recursos limitados. Se eu parti, foi graças à generosidade de muitos amigos e desconhecidos, ao apoio de patrocinadores (NTT Data e Magalu) e parceiros técnicos e à determinação, às vezes insensata, de dar o meu máximo para que o barco ficasse pronto.

Além dele, eu precisava me sentir segura para navegar em lugares difíceis e viver isolada. Ouvi muitos mais desencorajamentos do que incentivos, muitos mais “não vai dar certo” do que “vai ser legal”. Ouvi todo tipo de discurso protetor e de preconceitos de gênero por ser mulher. Contra a nossa vontade, criei uma casca para me proteger das intromissões alheias e dos conselhos que não pedi. Tinha muito medo de não estar pronta. Como saber se a gente está preparado para algo difícil que ainda não viveu?

A chegada à Groenlândia era só o começo de uma longa jornada. Nos meses seguintes, eu navegaria até a Baía Disko e ficaria ancorada por oito meses com o barco preso no mar congelado. Nesse tempo, o silêncio foi o que mais ouvi e a solidão foi a minha maior companheira. Tive medo, frio e também muitas alegrias. Sei que a minha solidão foi feliz porque eu a escolhi, e porque sabia que acabaria. Quando o verão voltou e as aves apareceram em cima dos icebergs, eu entendi que era o momento de reencontrar os indivíduos da minha espécie. A felicidade existe quando a gente está sozinha, mas ela se multiplica quando estamos em grupo. 📍

Inspiradores



JOHN MUIR (1838-1914)

O amor pela natureza guiou a existência de John Muir. Nascido na Escócia, ele migrou com a família para os Estados Unidos aos 10 anos, em 1849, e desde muito cedo ampliou seu olhar para o mundo como viajante e amante do meio ambiente.

Ainda bem jovem, viajou pelo Caribe, pela América Central e pelo território norte-americano, além de explorar outros continentes. Foi durante essas incursões que ele começou a notar e contabilizar a importância dos diferentes ecossistemas e as ameaças diante do desenvolvimento mundial. O alerta motivou a sua luta pela conscientização sobre a necessidade de criação de áreas preservadas, batalha que ganhou ainda mais força quando Muir conheceu a então ameaçada região de Sierra Nevada – o Vale do Yosemite. Fascinado pela beleza e pelo potencial da área, ele liderou o movimento que culminou na criação do Parque Nacional de Yosemite*, em 1890, baseado na criação do primeiro parque nacional do mundo, o Yellowstone, em 1872.

Considerado o naturalista mais importante da história norte-americana, Muir desempenhou os papéis de escritor, explorador, professor e líder nas diretrizes que mudariam para sempre a perspectiva sobre a importância dos ecossistemas e a relação do homem com eles, tirando a presença humana do foco e colocando a natureza em seu lugar.

Seus mais de dez livros e centenas de artigos seguem como importantes manifestos ambientais e foram uma grande influência para que, após a criação do Yosemite, o presidente Roosevelt estabelecesse a criação de outros cinco parques nacionais e quase 150 milhões de acres de Florestas Nacionais nos EUA. 📍

* Conheça outros parques no mundo no Guia de Parques Nacionais, que acompanha esta edição.

1 of 1

Propriedades tão



únicas quanto você



Bossa Nova | Sotheby's
INTERNATIONAL REALTY

São Paulo | Rio de Janeiro | Campo | Praia | Internacional



*Votos de Boas Festas, diretamente do Mont Blanc. Rupert Friend e a Coleção Extreme 3.0.

MONTBLANC

Season's Greetings from the Mont Blanc.
Rupert Friend and the Extreme 3.0 Collection.*

www.montblanc.com.br